



# **A ALEGRIA DE TE ENCONTRAR**

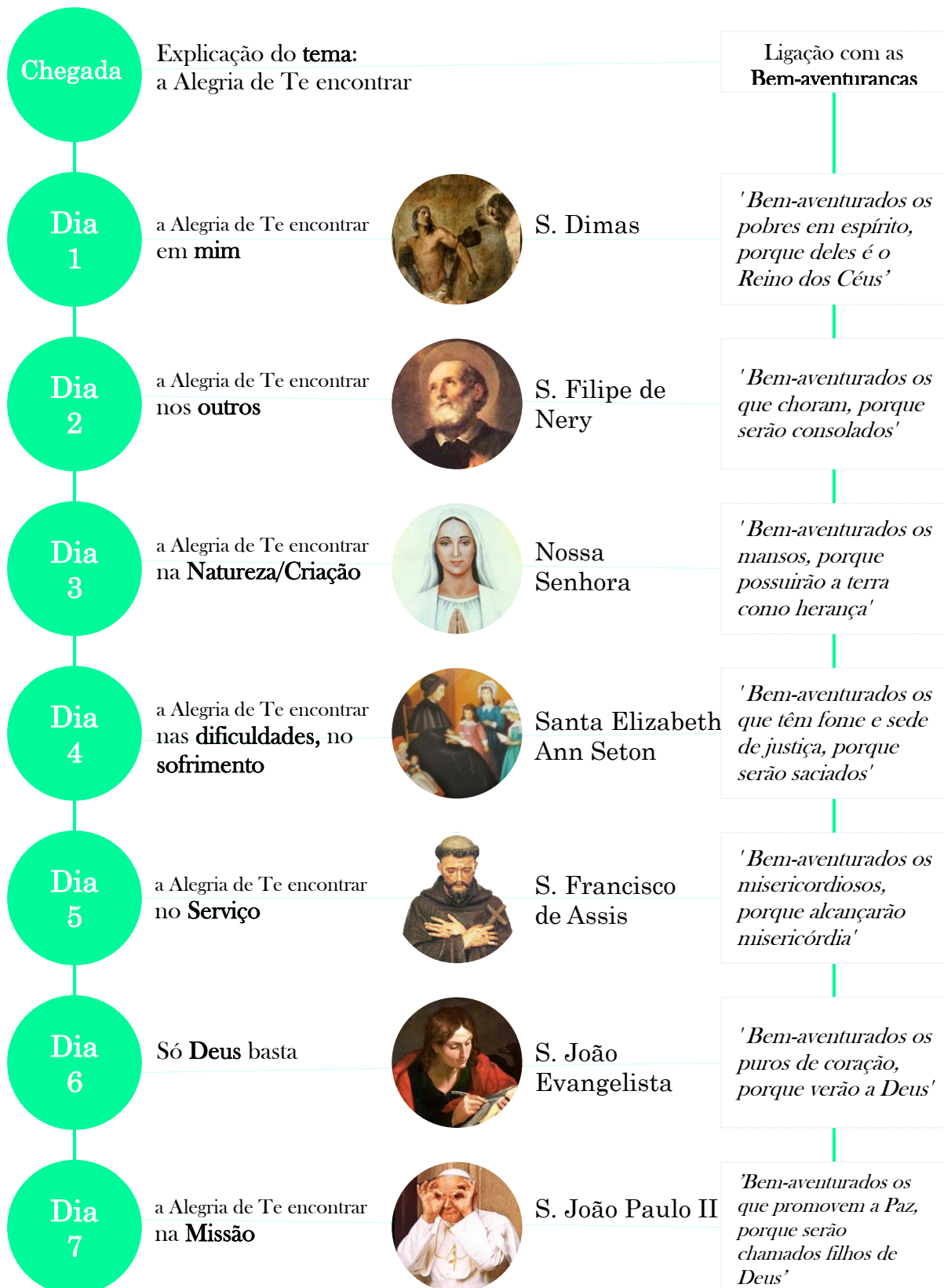
---

Espiritualidade Carraças 2014

# Índice

Semana carraças	3
A Alegria de Te encontrar	4
Bem-aventuranças	8
Estrutura do Santo do Dia	11
São Dimas	12
São Filipe de Nery	17
Nossa Senhora	23
Santa Elizabeth Ann Seton	28
São Francisco de Assis	34
São João Evangelista	42
São João Paulo II	47

# A Semana Carraças 2014





## A Alegria de Te encontrar

Não é difícil de adivinhar que a escolha do tema deste ano resulta, muito particularmente, do desejo que temos de “sentir com o Papa”.

Quando Jesus chamou Simão Pedro a tomar conta do seu rebanho, por três vezes lhe perguntou se O amava, se era deveras Seu amigo. E, à terceira vez, Pedro entristeceu-se que Jesus lhe perguntasse se era deveras Seu amigo. Porque a sua alegria nascia dessa amizade com Jesus, nascia daquele encontro que radicalmente tinha mudado a sua vida, dando-lhe um sentido de plenitude e de eternidade.

Com a exortação “A Alegria do Evangelho”, o Papa Francisco, verdadeiramente Pedro, lembra-nos que todos somos chamados a um encontro pessoal com Jesus e a viver a alegria que não só tem a capacidade de preencher as nossas vidas mas que transborda para todos, todos aqueles com que nos encontramos.

Pela criação, Deus, infinito de amor, transbordante de amor, também nos criou para um amor infinito; nós fomos criados, nós estamos a ser criados para o amor, para o encontro com o Pai, para vivermos o Paraíso. E amar significa encontro. Por isso, o próprio Deus, que é um Deus único, porque é em si mesmo amor, também é trino, sendo o Espírito Santo o próprio amor entre o Pai e o Filho.

Assim, também nós, criados à Sua imagem e semelhança, vimos do encontro e somos seres de encontro; e porque o encontro corresponde à nossa essência e ao nosso destino final, estamos chamados ao encontro e a nele encontrar a verdadeira alegria.

E quando, em Adão e Eva, nos afastámos, Deus não desistiu do Seu amor infinito; visitou Abraão para com ele estabelecer uma aliança perpétua que, de geração em geração, nos chama ao re-encontro, um encontro que Deus sabe ser de alegria e felicidade, porque nos enche de ânimo e vontade de viver em plenitude.

Todo o Antigo Testamento é, então, o relato desta aliança, desta história de relação entre Deus e o seu povo, pelo qual Deus nos preparara para outra visita, a Visita, na pessoa do Seu próprio Filho, Jesus.

Com o nascimento de Jesus, Ele mesmo o encontro de Deus com os homens, dá-se o reencontro definitivo com toda a humanidade e renasce toda a alegria, uma grande alegria que não cessa, uma alegria para nós, uma grande alegria para todos.

Jesus deixa-se encontrar em todo o lado, em todas as circunstâncias da vida. Porque sendo verdadeiro Deus, ele é o verdadeiro Homem; na verdade, como nos ensina Santo Agostinho, é em Cristo que encontramos o sentido último e completo da nossa própria vida e de toda a história humana, é em Cristo que compreendemos que a nossa mais radical intimidade e profunda identidade é, toda ela, preenchida do amor de Deus. Por isso, nada do que é humano é estranho a Cristo; e tudo o que é humano só se completa, só encontra a sua plena identidade no encontro com Cristo.

Porque o encontro nasce da misericórdia de Deus, que nos ama infinitamente e nos cria para o amor, aqueles que se deixam encontrar com Jesus, são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento e ficam com o coração e a vida inteira cheios de uma alegria transbordante.

Ponto é que abramos o coração à visita do Senhor, aceitemos uma conversão que nos deixe impregnados, nós mesmos, desta tão grande Alegria que é a Boa Nova, que é o próprio Jesus, para que aqueles que conosco se encontrarem, seja a Cristo e à Sua Alegria que encontrem. E para que, tal como Maria, sintamos a urgência, a pressa sagrada, de ir ao encontro de Isabel, de todos aqueles que precisam de Cristo e da Sua Alegria.

O que lhes pedimos, como proposta de espiritualidade para este ano, é que adirmos ao desafio do Papa Francisco de irmos ao encontro de todos, para lhes levarmos a Alegria do Evangelho, a alegria do encontro com Jesus.

Diz-nos o Papa: “Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que «da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído». A quem arrisca, o Senhor não o desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direcção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada. (...) Insisto uma vez mais: Deus nunca Se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia. Aquele que nos convidou a perdoar «setenta vezes sete» (Mt 18, 22) dá-nos o exemplo: Ele perdoa setenta vezes sete. Volta uma vez e outra a carregar-nos aos seus ombros. Ninguém nos pode tirar a dignidade que este amor infinito e inabalável nos confere. Ele permite-nos levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca nos defrauda e sempre nos pode restituir a alegria. Não fujamos da ressurreição de Jesus; nunca nos demos por mortos, suceda o que suceder. Que nada possa mais do que a sua vida que nos impele para diante!”.

A proposta que o Papa nos faz, a experiência da Alegria do encontro com Jesus, já a viveram tantos e tantos santos antes de nós. Propomos aos carraças, reviver alguns desses encontros que se tornaram fonte de alegria para todos nós:

- Em primeiro lugar, o encontro do Bom Ladrão, S. Dimas, o qual experimentou, no último momento da sua liberdade de homem, a certeza de que a misericórdia de Deus é absoluta e gratuita e de que, de braços abertos, na Cruz se necessário for, Deus está sempre à nossa espera, para nos resgatar para aquele Paraíso para o qual nos criou;
- O encontro de S. Filipe Nery, cujo coração vivia abrasado pela certeza do amor de Deus que o impelia ao encontro daqueles que mais sofriam e que eram atraídos pela simpatia resultante da alegria contagiante e da humildade genuína em que vivia;
- O encontro de Nossa Senhora, Sua e nossa Mãe, que ao trazer Deus ao mundo, confirmando a fidelidade do Amor de Deus pelos homens, viveu a alegria do encontro com o Seu Filho - na intimidade de Nazaré, no presépio de Belém, no Calvário de Jerusalém, na confirmação do Pentecostes, na glória da Assunção - numa entrega de amor maternal a todos nós que, como filhos muito queridos, permanentemente apresenta a Deus, manifestando assim a alegria da nova Criação;
- O encontro de Santa Anne Elizabeth Setton, que, educada como anglicana, não hesitou em seguir a Verdade que o seu coração reconheceu no testemunho de vida dos seus amigos católicos, encontrando a alegria do encontro com Cristo na conversão, apesar de todas as dificuldades e incompreensões que esse seu passo suscitou. Alegria que, pela vida fora, continuou a encontrar na fidelidade àquilo que, em cada momento, era a sua vocação de esposa, mãe, educadora, superiora de uma congregação, e serva dos pobres, vivendo cada dificuldade com uma resposta de amor e serviço ao próximo e abrindo o coração à escuta da vontade de Deus;
- O encontro de S. Francisco de Assis, alegrando-se na adesão ao pedido de Jesus de reconstrução da Sua Igreja e preferindo, às alegrias de uma vida mundana e confortável, a verdadeira Alegria de ultrapassar a sua própria repugnância para dar um beijo a Cristo, disfarçado no rosto de um pobre leproso;
- O encontro de São João Evangelista, o discípulo fiel e amigo, aquele que recorda a hora exacta do encontro com Cristo, que O acompanhou em todos os passos da Sua vida pública, recostou a cabeça junto ao peito na Última Ceia, testemunhou a Sua Transfiguração, permaneceu junto à Cruz e recebeu Maria como sua Mãe, parou junto ao sepulcro para dar a primazia a Pedro, aquele que no encontro com o Senhor encontrou a alegria da certeza do amor predilecto de Deus por si mesmo, amor de que dá testemunho para fundamento da nossa própria fé;
- O encontro de S. João Paulo II, iniciado no seio de uma família católica, mas consolidado no meio das dificuldades de uma infância e adolescência marcadas pela morte dos mais próximos, pelas dificuldades da guerra, do nazismo e do comunismo e

que o levou a reforçar a sua confiança inabalável na fidelidade do amor de Deus e, por via disso, a sua confiança no Homem, criado por Deus para a felicidade. João Paulo II quis partilhar a alegria do seu encontro com Cristo com todos os homens, assumindo como missão da sua vida a abertura das portas a Cristo, fossem as portas do coração de cada um, fossem as portas de todas as estruturas sociais, culturais, políticas e económicas humanas, na certeza de que só a Verdade liberta e traz a felicidade.

Com o exemplo e a intercessão de Nossa Senhora e dos Santos, esperamos que no final dos campos todos possamos dizer:

*Obrigado Senhor, que alegria ter-Te encontrado. Faz, de cada um de nós, instrumentos do Teu amor, para que todos os homens de boa vontade experimentem a alegria do Teu amor, a alegria de Te encontrar.*



## Bem-aventurados

“Vendo aquelas multidões, Jesus subiu à montanha. Sentou-se e os seus discípulos aproximaram-se dele” (Mt 5,1). Com este versículo, S. Mateus traça o cenário das bem-aventuranças e nós encontramos os ingredientes da “Alegria de Te encontrar”. Jesus vê-nos. A iniciativa é sua; é seu o primeiro olhar. Depois, o Senhor sobe e senta-se. A sua subida é um convite a cada homem, a cada carraça, e define a meta. O sentar-se, é uma garantia. Jesus veio para ficar, tem tempo e está disponível. Não corremos o risco de Deus passar a toda a velocidade, sem nos dar oportunidade de pensar e de tomar fôlego para o seguirmos. Nós aproximamo-nos dum Senhor Altíssimo e sentado, cujo olhar desceu à nossa pequenez e nos levanta.

O itinerário da subida são as bem-aventuranças e os marcos do reconhecimento de Deus que os “Carraças” forjaram no campo. Em mim, no outro, no serviço, na criação, na superação das dificuldades, na missão, reconhecer que Deus basta. Os santos de cada dia atestam a eficácia da subida. Gente de carne e osso, humanos, demasiado humanos, sobem ao encontro de Deus e são surpreendidos com a bem-aventurança.

Para subir é preciso ser pobre. “**Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos Céus**” (Mt 5, 3). Ser pobre é reconhecer a própria vida como dom de Deus e abandonar a pretensão de dizer “eu sou meu”. O pobre vive de esmolas, do que lhe dão. Assim queremos ser desde o primeiro dia de campo. Reconhecer em mim o amor de Deus, “Senhor que dá a vida”. Deus reina num coração que recebe os seus dons. S. Dimas é o exemplo perfeito desta pobreza espiritual. No momento em que o seu projecto falhou, que a carreira da rapinagem chegou ao fim, o eu é salvo pelo reconhecimento do dom de Deus. Um eu que cai, clama: “ Senhor, lembra-Te de mim”.

A pobreza gera choro, prece e pedido. “**Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados**” (Mt 5,4). O choro é sinal de necessidade, de pobreza. Sei-me pobre e, por isso, choro. Quem chora não articula um pedido concreto, não formula uma exigência, manifesta apenas a sua indignância. Quem chora abre-se ao outro, à atenção diligente dos corações alheios. Chorar é confiar no outro. Em Deus e nos homens, a cujo o cuidado se entrega. Por outro lado, quem chora sabe o que significa amar o próximo como a si mesmo. Ouve o choro



do outro. Ensinar os carraças a chorar e a ouvir atentamente o choro do próximo é o desafio deste segundo dia de campo. S. Filipe de Nery notabilizou-se pelo seu sorriso, pela alegria de servir os outros como Cristo. Chorava diante de Jesus escondido na Eucaristia e saciava as necessidades dos seus irmãos com a sobreabundância do amor de Deus. Chorar era a sua alegria.

O choro abre-nos ao dom de Deus, o Espírito Santo. Reconhecer o amor de Deus na criação abre-nos à escuta do Criador, ensina-nos a Esperança. Só é manso quem tem Esperança; aquele que não apaga a brasa que ainda fumeja, que não se irrita e destrói com a sua ira a realidade ferida. **“Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra”** (Mt 5, 5). Reconhecer a sabedoria de Deus na criação e o Seu desígnio para o homem, naturalmente aberto a conhecê-Lo e amá-Lo, é o plano do terceiro dia. Ensinar a mansidão, a Esperança que cura e reconstrói. Nossa Senhora é o modelo desta Esperança. Só Ela sabia esperar a chegada do Salvador com um coração manso e humilde. Ela é o início duma nova criação. Descobrir o olhar de Maria sobre nós.

O dom da fortaleza é tradicionalmente associado à fome e sede de justiça. **‘ Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados’** (Mt 5, 6). A justiça é uma tarefa árdua e exigente. De algum modo, nasce do jejum, da fome e da sede. Só quem sabe renunciar a si mesmo e superar as dificuldades a encontrará e será saciado. Neste dia sublinhe-se a necessidade de medir a distância, de enfrentar as agruras da subida. As dificuldades são como o deserto. Nelas enfrentamos a tentação do alimento fácil, da solução aparente e da traição. Jesus foi tentado. Ele é o nosso alimento e o nosso caminho. Amar a Eucaristia como pão dos fortes que caminham neste mundo. Elisabeth Setton encontrou na presença real de Jesus a força para vencer os desafios que a vida lhe deparou.

**“Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”** (Mt 5,7). O serviço é misericórdia. Lembremo-nos das obras de misericórdia corporais e espirituais. Dar de comer a quem tem fome...Corrigir os que erram...”Deus fez-se pobre para nos enriquecer com a Sua pobreza”. Foi a pobreza de Cristo que nos enriqueceu. Deus desceu ao nível das nossas misérias e derramou sobre nós as riquezas do Seu coração. Coração rico na miséria do pobre é o segredo da misericórdia. Ensinar aos “Carraças” a importância da riqueza do coração, da magnanimidade, da grandeza de ânimo. Lembrar que esta riqueza é fruto da pobreza, do dom recebido. Ensinar que para servir é preciso encher o saco de bens. Estudar, preparar-se bem, ser competente...Sem trabalho não há riqueza e sem bens não se faz bem. S. Francisco é o exemplo da pobreza que enriquece com os dons de Deus e caminha ao encontro das necessidades dos outros. Sublinhar o paradoxo desta pobreza rica em misericórdia.

S. João Evangelista viu o coração trespassado do Senhor e foi o primeiro apóstolo a receber o sangue e a água que purificaram o coração do homem com a graça de Cristo. **“Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”** (Mt 5,8). Ver o coração de Deus e querer com os sentimentos de Jesus. Ao aproximar-nos do fim do campo, os “Carraças” já foram descobrindo que a intimidade com Cristo purifica, limpa e torna cristalino o olhar. Apontar o amor à verdade como condição da vida cristã e como dignidade suprema de todo o homem. Quem quiser ver tem de abandonar o egoísmo que deturpa o conhecimento da

realidade, tem que dar a vida como testemunho da verdade. Assim fez o Senhor com a Sua morte na cruz. S. João reclinou a cabeça no peito de Jesus e viu o Seu interior.

O dia da Missão é o fim do campo e a paz é o fim da vida cristã. Paz entre Deus e os homens e paz entre aqueles que Deus ama. À paz associa-se o dom da sabedoria. **”Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus”** (Mt 5,9). Quem vê como Deus, pensa como Deus e quer como Deus, semeia ordem à sua volta, transpira paz. Ordem divina é a paz. Sabedoria divina. S. Pedro é Apóstolo a quem foi confiada a missão de velar pela fé de toda a Igreja. A fé é conhecimento de Deus, sabedoria divina confiada aos homens para o caminho na terra. O Papa João Paulo II foi sucessor de Pedro e viveu até ao fim a missão de salvaguardar a integridade da fé dos católicos e de anunciar a sabedoria de Deus. Salientar a necessidade de ser fiel à Igreja. O magistério do Papa João Paulo II foi todo ele um combate pela missão de nos transmitir o dom recebido. As suas viagens foram a expressão da fidelidade à missão. Primeiro parar, escutar e rezar, depois partir e viajar. O Papa João Paulo II ensinou-nos o dentro e o fora da missão, por esta ordem. “Pedro, tu amas-me? Então, apascenta as minhas ovelhas”. Primeiro a resposta, depois a missão.

## Estrutura do Santo do Dia

Cada santo da semana carraças é dado a conhecer através de 5 tópicos:



BIOGRAFIA



SANTO... E A ALEGRIA DE ENCONTRAR CRISTO



PRINCIPAIS ASPECTOS DA ESPIRITUALIDADE



SANTO... E A RELAÇÃO COM O TEMA DO DIA



ORAÇÃO



# São Dimas

*‘ Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus’*



## BIOGRAFIA

Muito pouco (ou quase nada) se sabe, ao certo, da vida de S. Dimas, o “Bom Ladrão”, este Santo original, único e privilegiado, que teve a honra de ser canonizado pelo próprio Jesus Cristo.

Na verdade, mesmo o nome Dimas – que a tradição lhe atribui – não é absolutamente seguro que correspondesse efectivamente ao nome deste homem, que teve por destino humano o mesmo que Jesus: morrer na cruz.

O que sabemos realmente (e é isso que verdadeiramente nos interessa) é apenas o que vem escrito no Evangelho a seu propósito: que Dimas terá sido preso, condenado e crucificado (em conjunto com outros malfeitores) na mesma ocasião em que Jesus encontrou a morte.

Mais que isto, sabemos que Dimas se terá convertido no (e pelo) próprio encontro com Jesus e terá aceite, nessa hora, o seu destino de Filho de Deus.

A história deste Santo é, assim, exclusivamente, a história de um encontro de um pecador com o Filho de Deus. Não é a história de uma vida rica de factos, de peripécias e de encontros. É, antes, uma espécie de “curta-metragem” cheia de significado, de sentido e de essencialidade.



## São Dimas E A ALEGRIA DE ENCONTRAR Cristo na Cruz

**São Lucas (23, 33-43)** - “Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, crucificaram-no a Ele e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda. Jesus dizia: «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem.»

Depois, deitaram sortes para dividirem entre si as suas vestes. O povo permanecia ali, a observar; e os chefes zombavam, dizendo: «Salvou os outros; salve-se a si mesmo, se é o Messias de Deus, o Eleito.» Os soldados também troçavam dele. Aproximando-se para lhe oferecerem vinagre, diziam: «Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo!» E por cima dele havia uma inscrição: «Este é o rei dos judeus.»

Ora, um dos malfeitores que tinham sido crucificados insultava-o, dizendo: «Não és Tu o Messias? Salva-te a ti mesmo e a nós também.»

Mas o outro, tomando a palavra, repreendeu-o: «Nem sequer temes a Deus, tu que sofres o mesmo suplício? Quanto a nós, fez-se justiça, pois recebemos o castigo que as nossas acções mereciam; mas Ele nada praticou de condenável.» E acrescentou: «Jesus, lembra-te de mim, quando estiveres no teu Reino.»

Ele respondeu-lhe: «Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso.»



## PRINCIPAIS ASPECTOS DA ESPIRITUALIDADE

Este homem de tantas e tão evidentes falhas e imperfeições terá tido, assim, por destino, ter sido um dos primeiros (senão o primeiro) Santo da Igreja, tendo sido escolhido para ser um daqueles que tiveram a primeira oportunidade de experimentar a Graça da comunhão plena com Jesus - comunhão sentida no sofrimento mais profundo, a caminho da Alegria mais verdadeira.

### Encontro

S. Dimas teve o (doloroso e difícil) privilégio de acompanhar Jesus Cristo na sua hora mais difícil, na hora da Sua morte. Acompanhar não apenas por ter podido presenciar esse momento mas por ter, ele próprio, sofrido destino semelhante.

S. Dimas foi crucificado com Jesus e foi o encontro que teve com Ele que transformou a sua vida. Foi nesse encontro pessoal, na mais dolorosa e difícil de todas as circunstâncias, que este “ladrão”, percebendo a injustiça da condenação de Jesus e a Sua entrega para nos salvar a todos, aceitou verdadeiramente o seu destino de Filho de Deus.

São Dimas mostra-nos, de forma muito evidente, que muito mais do que no aperfeiçoamento moral ou na tentativa de cumprimento de uma qualquer regra, o caminho da nossa salvação,

da descoberta da nossa verdadeira humanidade (ou da nossa Alegria), está nesta relação pessoal com Cristo.

É a descoberta e o acolhimento desta Pessoa, deste Deus Feito Homem, que nos traz a Santidade.

### **Reconhecimento/Fé**

A verdade é que S. Dimas não foi o único a viver esse momento e a ter a oportunidade desse Encontro. Não foi o único a cruzar-se com Jesus nessa ocasião tão difícil, nem foi, sequer, o único a ser crucificado no mesmo momento em que Cristo morreu.

Jesus estava lá a sacrificar-se por todos, mas nem todos os que presenciaram esse momento perceberam a dimensão dessa Entrega ou aceitaram receber a imensidão do seu Amor.

Diz o Evangelho que outro na mesma situação de S. Dimas não só recusou acreditar na Divindade de Jesus, como aproveitou, naquele momento terrível, para O escarnecer.

O que diferencia S. Dimas é esta capacidade/humildade em receber a Fé, reconhecendo a verdadeira face de Jesus, vendo Nele o Messias Salvador. Ao lado de Jesus, Dimas pressentiu a Sua mansidão e a Sua doçura, tendo-se deixado inundar pela Sua Graça.

Viu ao seu lado um Homem inocente, justo e santo, que estava a ser crucificado, blasfemado, insultado, de modo vil e ultrajante, pelo povo, pelos sacerdotes e os inimigos. Percebeu na Entrega de Jesus, o Amor incomensurável (e até incompreensível) de Deus por cada um de nós, e acreditou Nele.

### **Pedido e Confiança**

S. Dimas não só reconheceu Jesus e acreditou Nele, como lhe pediu – da forma mais humana e humilde que há (suplicatória) – que não se esquecesse dele “quando estivesse no Seu Reino”...

Este homem não teve pejo, pudor, escrúpulo ou medo de se dirigir ao Bom Deus e de lhe pedir, directamente/cara-a-cara, o que sabia ser o melhor para si – que Jesus se lembrasse dele e o fizesse participar da Sua comunhão.

Não se deteve no facto da sua morte iminente (e/ou da iminente morte de Jesus). Também não se deixou prender pela angústia do seu passado, pela dimensão do seu pecado ou por qualquer outro pretexto/obstáculo que, por muito grande que possa parecer, é sempre pequeno ao lado da Misericórdia e da Bondade de Deus.



## São Dimas E A ALEGRIA DE TE ENCONTRAR em mim

Aparentemente não há nada em S. Dimas – para além da sua capacidade de Reconhecer o Messias – que seja digno de louvor ou de apreciação. Muito pelo contrário, a sua vida parece representar a perfídia, a imperfeição e a capacidade egoísta de recusar os outros e de lhes fazer mal. Não somos também nós, em tantos aspectos, “ladrões”? Não temos também nós tantas falhas, tantas faltas, tantos pecados, tantos desamores?

A verdade é que, em S. Dimas e a partir do momento do Encontro com Jesus, tudo isso passa, num instante, para um segundo plano, para um plano insignificante. A Alegria da comunhão, da descoberta de Deus em nós é muito maior do que todas as angústias, falhas e pecados.

S. Dimas, ciente do seu destino (a morte) – e, de certo, bem lembrado das dores e provações porque estava a passar – não se deixou prender a essas dores ou à aparente “inutilidade” de uma conversão tardia. Acreditou no Amor de Deus que o encontro com Aquele Homem fez nascer, também em si.

Deixou que esse encontro revelasse, dentro do seu peito, uma Alegria improvável, que não tem tempo nem lugar e que dura para sempre. Fez uma escolha livre de acolher o chamamento de Jesus. E assim que se entregou, sentiu um gozo interior e uma satisfação íntima de uma escolha bem feita, de uma escolha de “eternidade”. Sentiu-se inundado da Alegria da opção por Cristo.

S. Dimas é, pois, a imagem (perfeita, acabada) de um pecador – como todos nós – que encontra (in extremis) a verdadeira Alegria, a verdadeira razão de viver, a única razão para dar a vida! S. Dimas é, pois, um dos exemplos mais bonitos de uma Santidade que é mesmo para todos, sem excepção.

Quantas vezes por preguiça, por dúvida ou por medo, não tomamos a opção por Cristo. Atarefados nos nossos estudos, no nosso trabalho e actividades várias, quantas vezes adiamos este momento de O reconhecer (na secreta esperança de que passe, de que não nos chateie mais, de que não nos obrigue a mudar de vida?)

Jesus não tem “hora marcada” para nos receber. Mora em nós e estará sempre connosco. O que nos mostra S. Dimas é que basta “escancarar” as portas do nosso coração (ou passar a olhar com “olhos de ver” para dentro dele) para vermos, reconhecermos (e ajudarmos a) crescer a Alegria que Deus semeou dentro de cada um de nós.

## ORAÇÃO

### **Oração a S. Dimas**

“Ó São Dimas, padroeiro e intercessor junto do Senhor, com um coração cheio de confiança e de esperança me dirijo a ti.

Foste o primeiro santo a saciar-se dos frutos da redenção: “Bebeste, com alegria, nas próprias fontes da salvação”

Quando, no alto do Calvário Jesus sofria o suplício a teu lado e era injuriado pela multidão dos presentes, tiveste a lealdade e a coragem de defendê-lo publicamente, declarando-o inocente em contraposição à culpa que pesava sobre nós.

Pedistes a Ele um gesto de “lembrança” amiga, quando viesse em seu reino. Soubeste unir os teus sofrimentos aos de Cristo e aos de Maria Santíssima, Mãe das Dores.

Consideraste a Cruz o triunfo do amor sobre o ódio e o pecado. O Senhor Jesus, te garantiu o prémio eterno: “Ainda hoje estarás comigo no paraíso”.

Ó São Dimas, dirijo-me a ti, como pecador confiante, para que me conduzas “com segurança” ao trono da misericórdia a fim de conseguir a graça como ajuda oportuna”

Amém.





## São Filipe de Nery

*'Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados'*



### BIOGRAFIA

Filipe Néri nasceu em 1515, na cidade de Florença em Itália, filho de pais nobres e piedosos.

A sua postura, a simpatia e a inclinação à oração mereceram a Filipe desde muito cedo, a alcunha de "o bom Filipe".

Quando tinha 16 anos, um incêndio destruiu grande parte da fortuna dos pais, e Filipe passou a morar com um primo que era um negociante muito rico em São Germano. Este primo prometeu dar-lhe todos os seus bens em herança, se Filipe ficasse com a gerência dos negócios. Mas, o "bom Filipe" pouca inclinação sentia para ser negociante; o que queria era ser santo e, apesar das repetidas insistências do primo, resolveu dedicar a sua vida a Deus.

Fez os estudos de filosofia e teologia em Roma, e começou desde logo a observar uma regra de vida muito austera, que o vai acompanhar até ao fim da vida. Alimentava-se de pão, água e legumes; para o sono reservava poucas horas, para a oração e para servir os outros, reservava todo o tempo.

No grande desejo de dedicar-se aos outros, vendeu toda a sua grande biblioteca, deu os bens aos pobres e aprofundou o tempo para a meditação da sagrada paixão e morte de Jesus Cristo. Todo o tempo disponível passava-o em oração nas igrejas ou de preferência nas catacumbas onde se tinham refugiado os primeiros cristãos.

A graça de Deus tocou-lhe o coração com tanta violência que, prostrado por terra, rezava muitas vezes: "Basta, Senhor, basta! Suspendei a torrente de vossas consolações, porque não

tenho forças para receber tantas delícias. Ó meu Deus tão amável, por que não me destes um coração capaz de amar-Vos condignamente?». Em 1545, nas catacumbas de São Sebastião, diz-se que recebeu o Espírito Santo. Esta força milagrosa da presença de Deus em S. Filipe foi de tal forma forte que o seu coração aumentou de tamanho e duas costelas, arquearam-se para dar maior espaço ao coração.

Com a certeza do amor de Deus, grande era o seu amor ao próximo que mais sofria.

Filipe, possuía o dom de atrair todos a si, graças à sua simpatia, a sua proximidade com todos e a sua humildade. Recorria a mil estratégias, para ganhar os jovens das ruas e nas oficinas de Roma. Era amigo de todos e, uma vez adquirida a confiança preparava-os para a recepção dos sacramentos e encaminhava-os para o bem.

A sua forma de ser alegre, a capacidade de brincar com as situações e fazer os outros rirem dos seus próprios erros, ajudava à conversão de quem o ouvia e ajudava-o também a ocultar a sua santidade ou seus dons sobrenaturais. Assim, por exemplo, para evitar que o povo achasse que os milagres aconteciam pela sua oração, arranjou uma grande bolsa, onde afirmava estarem preciosas relíquias. Tocava os enfermos com ela, e quando algum se curava, atribuía o fato ao poder das relíquias. Esse argumento convenceu muitos, até ao dia em que perceberam que a bolsa estava vazia!

Passava as noites nos hospitais, acompanhando e rezando com os doentes com total disponibilidade e dedicação a cada um.

No início de cada mês convidava o povo, ricos e pobres, para a adoração ao Santíssimo Sacramento e, nessas ocasiões, embora leigo e jovem, fazia admiráveis reflexões aos fiéis incentivando-os a irem ao encontro dos pobres e a serem generosos, o que muitos faziam.

Com 36 anos, Filipe, aconselhado pelo seu confessor, foi ordenado sacerdote e quis ir para as missões na Índia, porém, o seu Bispo não concordou e disse-lhe que a Índia dele era Roma, e que era aí que devia ser missionário. Aceitou com fidelidade a decisão e passou a evangelizar nas ruas, visitava e cuidava dos doentes e idosos. Todos gostavam dele devido à sua generosidade, simplicidade e sentido de humor. Sendo conhecido como o santo da alegria dizia muitas vezes "Longe de mim o pecado e a tristeza!".

Vivendo da providência divina teve como obra principal a fundação da Congregação do Oratório, para além de obras sociais. Empenhou-se ainda nas conferências espirituais e na "peregrinação às sete Igrejas" em que reunia milhares de pessoas de todas as condições sociais.

Grande parte do seu dia era passado no confessionário confessando e ajudando espiritualmente quem o procurava. A sua fama atraiu muitas pessoas, mas também gerou muitas invejas e o ódio dos inimigos que chegaram a montar uma falsa acusação à autoridade eclesiástica, de que resultou para Filipe a suspensão de ordens. Sem poder celebrar a Santa Missa e confessar, S. Filipe não perdeu a calma e só dizia: "Como Deus é bom, que me

humilha tanto!" A suspensão foi retirada, e o inimigo principal do Santo, caindo em si, pediu desculpas publicamente e tornou-se seu discípulo.

No fim da sua vida já não conseguia celebrar a Missa em público, tanta era a comoção que sentia. Estando no púlpito, as lágrimas embargavam a voz quando falava do amor de Deus e da Paixão de Cristo. Quando celebrava a Missa, chegando à Comunhão, pelo espaço de duas a três horas ficava arrebatado em êxtase enquanto o corpo se elevava à altura de dois palmos.

Fatigado e exausto de trabalhos e de idade avançada, Filipe teve uma grave doença. Um dia tendo os médicos examinado S. Filipe e, saindo do quarto desanimados, ouviram o doente exclamar: "Ó minha Senhora e bendita Virgem!". Voltaram para ver o que tinha acontecido e encontraram o Santo elevado sobre o leito e, em êxtase, exclamou: "Não sou digno, não sou digno de vós, ó dulcíssima Senhora, que venhais visitar-me!". Os médicos perguntaram-lhe o que sentia mas ele respondeu: "Não a vistes, a Santíssima Virgem, que me livrou das dores?" De fato ele levantou-se completamente curado, e viveu mais um ano.

Tendo predito a hora da morte, Filipe morreu a 2 de maio de 1595, com 80 anos. Poucos anos depois Filipe foi beatificado pelo Papa Paulo V e em 1622, foi canonizado por Gregório XV.



## **São Filipe Nery E A ALEGRIA DE ENCONTRAR Cristo**

São Filipe Nery sabia que a verdadeira alegria só existia na sua relação com Deus por isso, ao longo da sua vida escolheu sempre a amizade com Ele renunciando aos bens materiais.

Escolheu a vida de fé e oração, a ser comerciante como o tio; escolheu a vida austera, a possuir muitas riquezas; escolheu a fidelidade à Igreja e a obediência ao seu Bispo a seguir a sua vontade ou opinião; escolheu servir os outros, a preocupar-se consigo. Em tudo como dizia "Prefiro o paraíso!"

Sabia que a relação com Jesus enchia o seu coração "de grande e inusitada alegria, uma alegria feita de amor divino, mais forte e veemente que qualquer outra sentida antes" e, por isso, rezava muitas vezes para saber amar mais a Deus "Basta, Senhor, basta! Suspendei a torrente de vossas consolações, porque não tenho forças para receber tantas delícias. Ó meu Deus tão amável, por que não me destes um coração capaz de amar-Vos condignamente?".

Esta alegria que tinha encontrado em Jesus, não a quis só para si mas procurou sempre dá-la a todos aqueles com quem se relacionava, especialmente os mais pobres e doentes, não se cansando de pedir "Longe de mim o pecado e a tristeza!".

Esta mesma certeza, referiu-a no dia da sua morte, a 26 de Maio de 1595, já com 80 anos, onde ao receber a sua última comunhão, pronunciou as palavras que resumem a certeza de toda a sua vida: "Eis a Fonte de toda a minha alegria!"



## PRINCIPAIS ASPECTOS DA ESPIRITUALIDADE

### **A força e a alegria do Amor de Deus**

Para São Filipe Nery, tudo nasce do Amor de Deus por cada um de nós.

Um dia enquanto rezava, sentiu uma bola de fogo - símbolo do Espírito Santo - que entrou nele e pousou no seu coração. Nesse momento foi tomado de um inexplicável amor e entusiasmo pelas coisas de Deus, bem como de uma capacidade incomum de comunicá-las. Esta força milagrosa da presença de Deus em S. Filipe foi de tal forma forte que o seu coração aumentou de tamanho e duas costelas, arquearam-se para dar maior espaço ao coração.

S. Filipe sempre confiou no Amor de Deus e viveu a sua vida com base na providência divina, sabendo que Deus acompanha e cuida sempre daqueles que confiam Nele.

### **A alegria da santidade: Tudo é permitido, menos o pecado e a tristeza!**

S. Filipe sabia que a verdadeira Alegria era estar junto de Deus e que tinha que levar essa alegria a todos.

Com esta certeza e com uma enorme liberdade interior, S. Filipe ia para as ruas evangelizar, com muita alegria, proximidade e simpatia, e todos queriam estar perto dele para o ouvir falar das coisas do Céu, ou, os mais novos, para brincarem com Ele, em ruidosos momentos. Muitas vezes fazia piadas, oportunas e com graça, para ajudar cada um a perceber os seus defeitos e a necessidade de conversão

No inovador método de evangelização de S. Filipe, *tudo era permitido menos o pecado e a tristeza, porque nos afastam de Deus e da verdadeira alegria.*

Por exemplo, Filipe obtinha de Deus o favor de muitos milagres, que o povo não deixava de relacionar com a qualidade da sua oração.

Numa peregrinação, São Filipe notou a presença de uma senhora que ostentava um aparatoso vestido, joias e imenso penteado. Percebendo que a senhora estava menos preocupada com as coisas de Deus do que com sua aparência pessoal, o Santo pendurou-lhe no nariz os seus óculos. Todos se riram e a senhora entendeu a lição.

Existem muitos relatos como estes que surpreendem pela graça e pela sua presença de espírito.

### **A sua alegria era servir os outros**

Como S. Filipe dizia "*Se nos quisermos dedicar inteiramente ao próximo, não devemos reservar para nós nem tempo nem espaço*". Esta foi a forma como S. Filipe viveu, com a confiança na providência de Deus para a sua vida e as suas obras, dedicou-se totalmente aos que mais precisam de ajuda. Nas ruas com os jovens, no hospital com os doentes, com os idosos, a todos S. Filipe levou a alegria que é Jesus.

### **A obediência e fidelidade à Igreja**

Ao longo da sua vida S. Filipe procurou ser sempre fiel à Igreja porque sabia que estar unido à Igreja era estar unido a Deus.

Assim escolheu sempre o caminho que a Igreja lhe propôs: nas palavras do seu confessor, ao decidir ser Padre; nas palavras do seu Bispo ao aceitar ser missionário em Roma, em vez de ir para a Índia; nas palavras da autoridade eclesiástica que o acusou injustamente e o suspendeu das funções de padre durante alguns anos.

Em todos estes momentos S. Filipe obedeceu e foi fiel à Igreja e por isso não perdeu a alegria, mesmo nos momentos mais difíceis, porque Ele sabia que: *“Nada há mais desagradável a Deus que uma alma orgulhosa de si mesma” e que “os homens que deixam moldar o seu coração à acção do Espírito Santo são os que verdadeiramente colaboram para renovar a face da Terra”.*

### **A oração e a devoção ao Santíssimo Sacramento**

Ao longo de toda a vida S. Filipe nunca deixou de rezar muito e de participar nos sacramentos. Muitas vezes gostava de ir para as catacumbas de Roma, onde os primeiros cristãos se escondiam das perseguições dos romanos. A sua oração era tão intensa e a presença de Deus era tão forte que tinha experiências místicas da presença de Deus e de Nossa Senhora.

S. Filipe sabia que a amizade com Deus, se construía na relação com Ele na oração e na adoração ao santíssimo sacramento que ele proponha a tantas pessoas.



### **São Filipe Nery E A ALEGRIA DE TE ENCONTRAR nos outros**

A vida de S. Filipe foi de total entrega aos outros, como ele referia na sua regra de vida *“para o sono poucas horas, para a oração e para servir os outros, todo o tempo.”*

Nesse seu grande desejo de se entregar aos outros, não se limitou a dar o seu tempo mas deu também tudo o que tinha, vendeu a sua biblioteca para dar os bens aos pobres e passou a viver da providência e do Amor de Deus.

S. Filipe Nery sabia que a alegria e o amor que Deus lhe concedia, era para ser dado aos outros e por isso não se cansava de encontrar formas de se aproximar das pessoas, para se aproximar de Deus e da verdadeira Alegria. Com uma grande liberdade interior, brincava com as pessoas e com humor levava-as a serem melhores.

Para Ele *“tudo era permitido menos o pecado e a tristeza”*, porque nos afastam de Deus e da alegria, por isso tudo fez para que cada um tomasse noção do mal do pecado nas suas vidas, optando pelo Bem e pelo paraíso.

Com o mesmo desejo dedicou muitas horas dos seus dias a confessar, renovando a graça de Deus em cada um, para que possa recomeçar de novo e continuar a procurar sempre a verdadeira alegria.

 ORAÇÃO**Oração a S. Filipe de Neri**

Filipe, meu glorioso padroeiro,  
para quem o elogio nunca foi importante,  
nem mesmo a estima dos homens,  
faz com que o meu Senhor e Salvador  
me conceda também a mim esta virtude  
através da tua intercessão.

Tão altivos são os meus pensamentos,  
tão desdenhosas as minhas palavras,  
tão ambiciosas as minhas obras.  
Pede para mim a humildade que tu tinhas,  
consegue-me o conhecimento da minha insignificância,  
para que possa regozijar-me quando for desprezado  
e procurar sempre ser grande  
unicamente aos olhos de meu Deus.

*Cardeal John Henry Newman*



## Nossa Senhora

*‘Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra como herança’*



### BIOGRAFIA

**Lucas 1, 26-38:** Ao sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David; e o nome da virgem era Maria.

Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.» Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o que significava tal saudação. Disse-lhe o anjo: «Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus. Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Será grande e vai chamar-se Filho do Altíssimo. O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu pai David, reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim.»

Maria disse ao anjo: «Como será isso, se eu não conheço homem?»

O anjo respondeu-lhe: «O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus. Também a tua parente Isabel concebeu um filho na sua velhice e já está no sexto mês, ela, a quem chamavam estéril, porque nada é impossível a Deus.» Maria disse, então: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.» E o anjo retirou-se de junto dela.



## Nossa Senhora E A ALEGRIA DE ENCONTRAR Cristo

Maria é o maior testemunho que podemos ter na alegria de O encontrar.

Confrontada com o desafio de Deus de encarnar o verbo divino, não hesitou na aceitação e na disponibilidade de O servir.

A Sua entrega, humildade e disponibilidade maternal concretizam-se numa vida onde o amor e o sofrimento confluem num sentido comum e nos mostra qual o caminho a seguir. A Vida de Maria foi de encontro e alegria permanente com Jesus, sabendo ler também no sofrimento a alegria de O encontrar.

As alegrias de Nossa Senhora em encontrar Jesus revelam-se principalmente nalguns episódios da Sua vida:

A alegria de Nossa Senhora ao ouvir do Arcanjo São Gabriel que fora escolhida por Deus para ser Mãe do Salvado. A alegria do seu Sim, dado com grande liberdade e revelando uma confiança e entrega total.

A alegria da Santíssima Virgem em casa de sua prima Santa Isabel, quando foi pela primeira vez saudada como Mãe de Deus.

A alegria de Nossa Senhora no estábulo de Belém, quando seu Filho divino nasceu milagrosamente.

A alegria de Nossa Senhora quando os três magos vieram de longe adorar o Menino Jesus e oferecer-lhe ouro, incenso e mirra.

A alegria de Nossa Senhora quando encontrou Jesus no Templo entre os doutores, depois de o ter perdido.

A alegria e o júbilo da Santa Mãe de Deus, quando, na manhã de Páscoa, viu seu Filho divino ressuscitado.

A alegria de Nossa Senhora, com a sua coroação no céu, tornando-se Rainha dos céus e da terra.

A alegria de Nossa Senhora na sua fidelidade até no sofrimento pelo seu filho.

A alegria de Nossa Senhora na sua capacidade guardar no Seu coração todas as coisas, mantendo-se silenciosa mas sempre atenta.

A alegria de Nossa Senhora ao abandonar-Se sempre nas mãos de Deus, sem reservas.





## PRINCIPAIS ASPECTOS DA ESPIRITUALIDADE

*“Mãe de Deus. Este é o título principal e essencial de Nossa Senhora. Trata-se duma qualidade, duma função que a fé do povo cristão, na sua terna e genuína devoção à Mãe celeste, desde sempre Lhe reconheceu.”*

(Papa Francisco – homilia 1 de Janeiro 2014)

Mais do que num lugar preciso no tempo e como disse o São João Paulo II na encíclica *Redemptoris Mater*, “A MÃE DO REDENTOR tem um lugar bem preciso no plano da salvação, porque, "ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido duma mulher, nascido sob a Lei, a fim de resgatar os que estavam sujeitos à Lei e para que nós recebêssemos a adoção de filhos. E porque vós sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: "Abbá! Pai!" (Gál 4, 4-6).

Como refere São João Paulo II, na “plenitude dos tempos” celebra-se o amor do Pai, a missão do Filho, o dom do Espírito Santo, a mulher da qual nasceu o Redentor e a nossa filiação divina. Desta forma e nesta “plenitude” o Espírito Santo concebeu no seu seio virginal Jesus Cristo, o verdadeiro Deus, o verdadeiro Homem.

Desde sempre Maria está presente no coração, na devoção e sobretudo no caminho de fé do povo cristão. «A Igreja caminha no tempo (...). Mas, nesta caminhada, a Igreja procede seguindo as pegadas do itinerário percorrido pela Virgem Maria» (São João Paulo II, Enc. *Redemptoris Mater*).

O nosso itinerário de fé é igual ao de Maria; por isso, A sentimos particularmente próxima de nós! No que diz respeito à fé, que é o fulcro da vida cristã, a Mãe de Deus partilhou a nossa condição, teve de caminhar pelas mesmas estradas, às vezes difíceis e obscuras, trilhadas por nós, teve de avançar pelo caminho da fé.

O nosso caminho de fé está indissolúvelmente ligado a Maria, desde o momento em que Jesus, quando estava para morrer na cruz, no-La deu como Mãe, dizendo: «Eis a tua mãe!» (Jo 19, 27). Estas palavras têm o valor dum testamento, e dão ao mundo uma Mãe.

Desde então, a Mãe de Deus tornou-Se também nossa Mãe! Na hora em que a fé dos discípulos se ia quebrando com tantas dificuldades e incertezas, Jesus confiava-lhes Aquela que fora a primeira a acreditar e cuja fé não desfaleceria jamais.

E a «mulher» torna-Se nossa Mãe, no momento em que perde o Filho divino.

O seu coração ferido aumenta para dar espaço a todos os homens, bons e maus, todos; e ama-os como os amava Jesus.

O Seu exemplo de humildade e disponibilidade à vontade de Deus, ajuda-nos a traduzir a nossa fé num anúncio, alegre e sem fronteiras, do Evangelho. Deste modo, a nossa missão será fecunda, porque está modelada pela maternidade de Maria.

A mulher que, nas bodas de Caná da Galileia, dera a sua colaboração de fé para a manifestação das maravilhas de Deus no mundo, no Calvário mantém acesa a chama da fé na ressurreição do Filho, e comunica-a aos outros com carinho maternal. Assim Maria torna-se fonte de esperança e de alegria verdadeira.

## **Nossa Senhora E A ALEGRIA DE TE ENCONTRAR na criação**

O sim de Nossa Senhora é o princípio de uma nova criação, tendo Jesus Cristo como protagonista. Ela gerou a vida Daquela que nos veio salvar abrindo-nos, de novo, as portas do Paraíso para que Deus Pai nos criara. Ela é Mãe criadora, Mãe de Jesus, dos homens e de toda a humanidade.

Devido a Maria e ao bendito fruto do seu ventre, torna a ser verdade para todos os homens que Deus os escolheu, ainda antes da criação do mundo, para serem seus filhos adotivos e nisso encontrarem a felicidade.

No mistério de Cristo, Maria está presente como aquela a quem o Pai "escolheu" para Mãe do seu Filho na Encarnação. Maria está unida a Cristo, de um modo absolutamente especial e excepcional.

A fé de Maria, na Anunciação, dá início à Nova Aliança. Assim como Abraão, "esperando contra toda a esperança, acreditou que haveria de se tornar pai de muitos povos" (cf. Rom 4, 18), também Maria, no momento da Anunciação, depois de ter declarado a sua condição de virgem ("Como será isto, se eu não conheço homem?"), acreditou que pelo poder do Altíssimo, por obra do Espírito Santo, se tornaria a mãe do Filho de Deus segundo a revelação do Anjo: "Por isso mesmo o Santo que vai nascer será chamado Filho de Deus" (Lc 1, 35).

Eis a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra" (Lc 1, 38). Desde o primeiro momento, Maria aderiu à ideia da Criação, remetendo-nos a toda a harmonia e renovação relatada no livro dos Genesis " E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra que Deus criara e fizera.

Estas são as origens dos céus e da terra, quando foram criados; no dia em que o Senhor Deus fez a terra e os céus,"(Genesis 2, 3-4)

"Feliz daquela que acreditou"! Estas palavras, pronunciadas por Isabel já depois da Anunciação, são muito eloquentes; e a força que transmitem, torna-se penetrante. Elas remontam "até ao princípio", tal como dizia Santo Ireneu (citado na Constituição Lumen Gentium), "O nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; e aquilo que a Virgem Eva atou, com a sua incredulidade, a Virgem Maria desatou-o com a sua fé". À luz desta comparação com Eva, chamam a Maria "mãe dos vivos" e afirmam muitas vezes: "A morte veio por Eva, a vida por meio de Maria".

A Criação do mundo não está acabada. Deus continua a obra da sua Criação, com Maria com o nascimento de Jesus. Também nós somos chamados a colaborar, a completar a obra da sua criação.

Como Maria, propomos para este dia, cujo tema é a criação, que nos dispúnhamos a uma aceitação incondicional do que Deus nos pede em cada momento, e compreendendo que só Deus é fonte de vida, nos tornemos fecundos para nós próprios, para os outros e para Maria, Nossa mãe:

- Que digamos “sim”, com e como Maria à criação de Deus em nós (sermos humildes e disponíveis para os outros). E que, com Maria e como Maria aceitemos colaborar com Deus para completar a obra da sua Criação
- Que reflectamos, e rezemos com Maria, os “Sim’s” que Deus nos está a pedir nesta altura da nossa vida
- Que saibamos dar a melhor resposta aos desafios que Deus nos lança neste dia (quebrando as barreiras do que nos centra em nós próprios e sermos fecundos utilizando os dons que Deus nos concede)
- Que rezemos o terço, neste dia dedicado à criação, como Nossa Senhora de Fátima nos pediu, com a Alegria de O encontrar

## ORAÇÃO

Na calma deste momento, furtando-me do corre corre da vida, eu me recolho em Ti.

Senhora da alegria, olha a minha audácia: na singeleza da minha oração eu te dou a minha alegria.

Como é bom ser alegre. Obrigada Senhora. Foi teu dom. Como é agradável ter a alma em paz. Ela é Tua também. Como é maravilhoso ter a alma branda... Razão de ser de toda alegria.

Senhora, nos dias ensolarados e nas noites entreabertas, um sorrir sincero indique a alegria sempre em mim.

Que eu saiba sorrir a Ti em todas as circunstâncias da vida, nas festas, nas tormentas, no meu próximo.

Sorria eu, Senhora, para aprender com Teu salmista a servir a Senhora, na alegria.

*Comunidade de Nossa Senhora de Lièsse*

## Dia 5 | A Alegria de Te encontrar nas dificuldades e no sofrimento



# Santa Elizabeth Ann Seton

*‘Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados’*



### BIOGRAFIA

Convertida à religião Católica, fundadora das “American Sisters of Charity” (que foi a primeira congregação religiosa de freiras com origem nos Estados Unidos), Santa Elizabeth Ann Seton foi a primeira pessoa nascida nos Estados Unidos a ser canonizada.

Foi esposa, mãe, viúva, educadora, fundadora e líder espiritual.

Santa Elizabeth Ann Seton nasceu nos Estados Unidos, em Nova Iorque, a 28 de Agosto de 1774 (mesmo no início da revolução Americana) e morreu a 4 de Janeiro de 1821, em Maryland. De ascendência britânica e francesa, nasceu no seio de uma família Anglicana. A família dela encontrava-se entre os primeiros colonos que se instalaram na zona de Nova Iorque.

O seu pai, que era médico, casou segunda vez após a morte da sua primeira mulher, mãe de Elizabeth. A madrasta de Elizabeth rejeitou-a, e como o seu pai tinha longas ausências no estrangeiro para realizar estudos de medicina, Elizabeth e a sua irmã, ambas filhas do primeiro casamento, ficaram temporariamente entregues aos cuidados de um tio.

Elizabeth casou com William Magee Seton a 25 de Janeiro de 1794, de quem teve cinco filhos. William Magee Seton pertencia a uma família de mercadores muito rica, com ligações comerciais a vários países da Europa e em especial com Itália. A família Seton era considerada muito importante em Nova Iorque, e pertencia a uma Igreja Episcopal chamada “Trinity Episcopal Church”, na qual Elizabeth participava ativamente, visitando e ajudando doentes e

moribundos, tendo sido uma das fundadoras, em 1797, de uma associação de ajuda a viúvas pobres com filhos pequenos.

Em 1798 morre o sogro de Elizabeth e, em consequência, fica a cargo do marido de Elizabeth, não só o negócio da família, mas também os seus meios-irmãos. Elizabeth assegurou os cuidados a ambas as famílias (na altura estava à esperar do seu terceiro filho) e foi por essa altura que começou, pela primeira vez a ensinar, tendo como alunos os meios-irmãos do seu marido.

Por essa altura os negócios do seu marido entraram numa grave crise. Elizabeth ajudava o seu marido durante a noite, tentando gerir a contabilidade da empresa, e durante o dia cuidava da sua família alargada. A empresa faliu em 1801, e os Seton ficaram sem nada. Durante todo este período, Elizabeth assume plenamente a sua vocação como esposa.

Logo após a falência da empresa, o marido de Elizabeth apanhou tuberculose. Em 1803, Elizabeth e o seu marido William, com uma das suas filhas, viajaram para Itália, à procura de um clima mais ameno que pudesse ajudar William a melhorar. Ao chegarem a Itália, as autoridades, com medo de um surto de febre amarela que por essa altura tinha surgido, colocaram-nos de quarentena num local frio e inóspito. William morre duas semanas depois de o libertarem da quarentena, em Pisa, deixando Elizabeth viúva, na miséria, e com 5 filhos. Elizabeth tinha nesta altura 29 anos.

Antonio Filichi e a sua mulher Amabilia, amigos de Elizabeth, acolheram-na e ajudaram-na durante esse período difícil. A família Filicchi era católica, e introduziram Elizabeth ao Catolicismo. A caridade e o amor demonstrados pela família Filicchi, que Elizabeth reconhecia como firmemente enraizados na fé do casal, despertaram Elizabeth (e a sua filha) para o Catolicismo. Elizabeth leu a oração de São Bernardo, que a tocou profundamente e, despertada por este encontro com o Catolicismo, a sua curiosidade levou-a fazer muitas perguntas e a aprofundar em que consistia a prática dos Católicos, querendo tudo saber sobre a Liturgia, sobre a real presença de Cristo na Eucaristia e sobre a ligação entre a Igreja de Cristo (e o Chefe da Igreja) e os apóstolos.

Antonio acompanhou a família Seton de volta aos Estados Unidos, deu-lhes assistência financeira e instruiu Elizabeth sobre a fé católica, tirando-lhe as dúvidas que iam surgindo.

Elizabeth havia deixado os Estados Unidos como protestante convicta, e regressava agora com o coração de uma Católica. Esta sua vontade de conversão suscitou a ira da sua família e amigos. Com dificuldades financeiras, sem o apoio da família e dos amigos, e com cinco filhos para criar, todos eles com menos de oito anos, a situação de Elizabeth era angustiante.

Elizabeth manteve-se fiel ao Catolicismo e firme na sua fé, procurando discernir o que pretendia Deus de si. Nossa Senhora tornou-se para si no verdadeiro paradigma da fé e no exemplo a seguir. A 14 de Março de 1805, e tendo definitivamente concluído este seu caminho de discernimento, Elizabeth abraça definitivamente a fé Católica e faz a sua profissão pública

de fé, na Igreja de São Pedro, em Manhattan, acrescentando ao seu nome, o nome de Mary (Mary Elizabeth Ann Seton).

Os seus primeiros anos como Católica foram marcados por desilusões e falhanços. Os preconceitos anti-Católicos impediam-na de iniciar o seu projeto de abrir uma escola. Entretanto, Elizabeth ia dando aulas, primeiro numa escola de um casal protestante que a aceitou como professora, depois num colégio interno de rapazes. Elizabeth não só precisava de trabalhar para sustentar a sua família, como sabia ser sua vocação o ensino. Por seu turno, a família Seton queria distância de Elizabeth, com medo que esta influenciasse os mais novos da família (e tinham “razão”, porque vários membros da família Seton se vieram a converter pelo exemplo de Elizabeth!).

Durante este período, Elizabeth sentia-se consolada pela certeza de que Deus lhe haveria de mostrar qual o caminho a seguir, assumindo plenamente o seu papel de mãe e colocando os seus cinco filhos no centro da sua vida, assumindo plenamente a sua vocação como mãe.

Em 1806, Elizabeth conheceu, providencialmente, o Reverendo Louis William Dubourg, que se encontrava de visita a Nova Iorque. Desde 1797 que Dubourg tinha o desejo que fosse fundada uma congregação de religiosas para ensinar raparigas em Maryland, Baltimore. Com o acordo do Bispo John Carroll, ele convidou Elizabeth para ir a Baltimore encontrar-se com ele. Os padres Franceses da Companhia de São Sulpício, que se encontravam emigrados em Maryland ajudaram Elizabeth a fundar o seu projeto de vida: os Sulpicianos tinham o projeto de fazer uma congregação semelhante às Filhas da Caridade, em Paris (fundada em 1633 por São Vicente de Paulo), e estavam a “recrutar” candidatas para o efeito. Foi instituída a congregação das Irmãs da Caridade, e Elizabeth prestou votos de castidade e obediência ao Arcebispo John Carroll em 25 de Março de 1809, que lhe deu o título de “Mother Seton”, juntamente com outras Irmãs que haviam aderido ao projeto dos Sulpicianos.

Por sua vez, e também por esta altura, Samuel Sutherland Cooper, um seminarista convertido com grande disponibilidade financeira, comprou 109 ha de terra para instalar uma comunidade para jovens, em Emmitsburg, Maryland, com o objectivo de aí fundar uma instituição para a educação de raparigas radicada em valores Cristãos e na fé Católica, apoio a idosos, formação profissional de jovens, e para instalação de uma pequena fábrica, tudo dirigido ao apoio dos pobres. Cooper tinha em mente Elizabeth para dirigir o programa de ensino do seu projeto e para o executar, com suas Irmãs da Caridade.

A construção ainda se encontrava inacabada quando Mother Elizabeth e as Irmãs chegaram a Emmitsburg em 1809. Em 1810 Elizabeth abriu a Saint Joseph’s Free Shool, para acolher raparigas necessitadas: foi a primeira escola Católica gratuita para raparigas, orientada por freiras nos Estados Unidos. Ainda no mesmo ano, Elizabeth abriu a St. Joseph’s Academy, que aceitava alunos internos, os quais pagavam propinas que eram utilizadas pelas Irmãs para financiarem o ensino gratuito dos necessitados. Este foi o berço do ensino Católico nos Estados Unidos.

Várias mulheres juntaram-se às Irmãs da Caridade. Entre 1809 e 1820 juntaram-se 86 irmãs. A doença e morte prematura de pessoas que a rodeavam foi uma constante na vida de Elizabeth. Assistiu na morte a dezoito Irmãs, tendo ainda morrido duas das suas filhas e ainda duas das suas cunhadas, de quem muito gostava, durante este período.

Os Sulpicianos ajudaram Elizabeth a criar a regra das Irmãs da Caridade de São José, com base na regra das Filhas da Caridade, mas adaptando-as às necessidades da Igreja Católica nos Estados Unidos. Já como Irmãs da Caridade, Elizabeth e mais 17 irmãs fazem os seus votos de pobreza, castidade, obediência e serviço aos pobres, em 19 de Julho de 1813.

Eleita pelos membros da sua congregação para ser a primeira Madre Superiora das Irmãs da Caridade, Elizabeth assim se manteve, sendo sucessivamente reeleita, até à sua morte.

Em 1814 Elizabeth enviou Irmãs para Filadélfia, para aí estabelecerem um orfanato (o primeiro orfanato Católico dos Estados Unidos) e em 1817 abriu também um orfanato em Nova Iorque.

Elizabeth morre a 4 de Janeiro de 1821. Durante os seus três últimos anos de vida, Elizabeth sentia que Deus a estava a chamar e encarava esse chamamento com alegria.

Foi beatificada pelo Papa João XXIII a 17 de Março de 1963, e canonizada pelo Papa Paulo VI a 14 de Setembro de 1975.

Elizabeth tinha um especial amor pelos órfãos, pelas viúvas e pelas famílias pobres.

Dos escritos que deixou, resulta que Elizabeth se via a si própria como uma peregrina na terra, e que encarava cada dia sob os olhos da fé e almejando o Céu.



## **Santa Elizazabeth Ann Seton E A ALEGRIA DE ENCONTRAR Cristo**

As situações de dificuldade e sofrimento que Elizabeth encontrou na sua vida são situações que podem acontecer a qualquer um de nós. Elizabeth não foi mártir, não foi torturada, não foi presa, e nem vítima de uma qualquer doença terrível.

Ela perdeu a sua mãe muito cedo, foi rejeitada pela madrasta, perdeu o marido pouco tempo depois de casar, perdeu a sua fortuna e, ainda, quando se converteu, o apoio dos amigos e da família.

Em todas as situações de dificuldade e sofrimento por que passou, e em cada momento da sua vida, Elizabeth confiou na Divina Providência e rezava para discernir o que Deus pretendia de si, mantendo-se fiel àquela que era, em cada momento a sua vocação (de esposa, mãe, educadora, Superiora de uma congregação, e serva dos pobres).

Cada dificuldade que Elizabeth encontrou fez com que ela tivesse uma resposta de amor e serviço ao próximo: a sua viuvez levou-a colocar-se ao serviço das viúvas e dos órfãos, a sua pobreza levou-a a colocar-se ao serviço dos pobres. As forças para cumprir a vontade de Deus, Elizabeth encontrava-as na Eucaristia e na Palavra de Deus.

Se olharmos para a vida de Elizabeth Seton, chegamos à conclusão de que, ao ter o seu coração permanentemente à escuta daquela que era a vontade de Deus, cada situação de dificuldade acabou por se transformar em ocasião de crescimento espiritual e de verdadeira Alegria.



## PRINCIPAIS ASPECTOS DA ESPIRITUALIDADE

- Busca da Vontade Divina (Discernimento: o que quer Deus de mim);
- Alimentar-se da Eucaristia e das Sagradas Escrituras;
- Confiança na Divina Providência;
- Servir a Jesus através da caridade e serviço aos pobres.



## Santa Elizazabeth Ann Seton E A ALEGRIA DE TE ENCONTRAR nas dificuldades e sofrimento

Elizabeth, se pudesse, teria sem dúvida preferido não ter atravessado tantas dificuldades e situações de sofrimento. O sofrimento apenas enquanto tal, não tem sentido.

O próprio Jesus, antes da Paixão e Morte, disse: Pai se possível, afasta de mim esse cálice, mas não se faça a minha vontade mas sim a Tua. Jesus, como qualquer pessoa normal, também não queria o sofrimento, mas sabia que, se vinha por Vontade do Pai, teria SENTIDO, e por isso aceitou-o.

O mesmo sucede connosco. Não andamos à procura de sofrimento, mas quando ele vem ter connosco, que fazer?

A difícil tarefa de um Cristão é conseguir dar um sentido àquilo que não o parece ter. E nada parece ter menos sentido do que o sofrimento. Se formos daqueles que, perante o sofrimento ou dificuldade nos ficamos a lamentar a um canto, então o sofrimento e as dificuldades não serão nunca mais do que isso mesmo e nunca, mas nunca, terão sentido. Mas se soubermos fazer como Elizabeth Seton, e deixarmos o nosso coração aberto para percebermos o que o nosso Pai quer de nós, encontraremos nas dificuldades e no sofrimento um SENTIDO que



nos fará ir ao encontro de Cristo no serviço aos que me rodeiam, e então conseguiremos encontrar ALEGRIA NAS DIFICULDADE E NO SOFRIMENTO.

## ORAÇÃO

**"Lembrai-vos" ("Memorare") - Oração de S. Bernardo a Nossa Senhora**

Lembrai-Vos, ó piíssima Virgem Maria,  
que nunca se ouviu dizer  
que algum daqueles  
que têm recorrido à vossa protecção,  
implorado a vossa assistência,  
e reclamado o vosso socorro,  
fosse por Vós desamparado.  
Animado eu, pois, de igual confiança,  
a Vós, Virgem entre todas singular,  
como a Mãe recorro,  
de Vós me valho e,  
gemendo sob o peso dos meus pecados,  
me prostro aos Vossos pés.  
Não desprezeis as minhas súplicas,  
ó Mãe do Filho de Deus humanado,  
mas dignai-Vos  
de as ouvir propícia  
e de me alcançar o que Vos rogo.  
Amen.



## São Francisco de Assis

*'Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia'*



### BIOGRAFIA

Filho de Pietro e Dona Pica Bernardone, Francisco nasceu entre 1181 e 1182 , na cidade de Assis, província da Umbria no centro da Itália. o nascimento da criança deu-se e foi lhe dado o nome de João. O pai, quando regressou, em homenagem à França, chamou Francisco ao seu filho.

Seu pai era um rico e próspero comerciante de tecidos, que viajava frequentemente em negócios principalmente para França, de onde trazia a maior parte de suas mercadorias.

A mãe de Francisco, foi de facto a mulher da sua vida e foi ela que emocionado muitas vezes invocou. Francisco sempre nutriu uma atenção e um carinho especial pela relação materna em geral. A sua grande ligação espiritual a Maria, mãe de Jesus, é mais um sinal do seu particular respeito e Amor pelas mães de todo o mundo. Era frequente usar a relação materna em geral, como exemplo de Amor nos seus diálogos e pregações.

Quando era jovem era o Rei da Juventude, cantava e tocava em todas as festas da cidade e tinha muitos amigos. Era muito bom e quando alguém lhe pedia esmola ele não negava nunca ajuda, mas tinha o sonho de ser um grande Cavaleiro.

Quando Francisco tinha 20 anos, rebentou a guerra entre Assis e Perusa, uma outra cidade italiana, ele foi combater ao lado das tropas da sua cidade e foi feito preso, voltou a casa doente e nunca mais teve a mesma alegria.

Um dia, na estrada de Espoleto, ouviu uma voz misteriosa que lhe perguntou:

- Francisco o que é melhor? Servir a Deus ou ao Criado?

Francisco respondeu:

- Servir o Senhor!

E a voz tornou a perguntar:

- Então, porque serves o Criado?

Percebendo que era Deus quem lhe falava, ajoelhou-se e perguntou:

- Senhor, que queres que eu faça?

Deus disse-lhe:

- Volta a Assis, lá te direi o que quero de ti.

Em Assis havia uma linda capela em ruínas, a Capela de S. Damião, Francisco ia lá muitas vezes rezar ao pé do cruxifixo e um dia Deus tornou a falar-lhe:

- Vai Francisco e reconstrói a minha Igreja que está em perigo de ruína.

Pensando que Deus queria que reconstruísse aquele templo, Francisco decidiu reconstruir a Capela de S. Damião.

Um dia passou por um homem doente, um leproso. A lepra era uma terrível doença sem cura e muito contagiosa, ninguém se aproximava dos leprosos. O leproso olhou para Francisco e pediu-lhe esmola, cheio de pena do homem, ele desceu do cavalo e abraçou-o e em vez de ter medo, sentiu uma enorme alegria no seu coração.

Um dia, na missa, ouviu as palavras do Evangelho, “Ide pelo mundo e anunciai o reino de Deus. Não leveis nada para o caminho, nem bolsa, nem cajado...” e julgou que eram para si. Quando voltou a casa, repartiu todos os tecidos da loja e dinheiro pelos pobres, despiu a roupa que tinha e a partir dali seria somente filho do Pai que está no Céu, de Deus.

Ao verem Francisco nu, os servos do Bispo deram-lhe um manto para se cobrir. Durante muito tempo, andou por toda a Itália a espalhar a palavra de Deus e juntou muitos amigos que deixavam tudo o que tinham para seguirem com ele. Francisco e os seus amigos viviam do que lhes davam, passavam a sua vida a falar sobre Deus e Jesus e a cantar cânticos de louvor, dormindo ao ar livre ou em cabanas.

Francisco queria que ele e os seus companheiros fossem pobres e simples, que se parecessem com Jesus e passaram a chamar-se Frades Menores saudavam-se com as palavras “Paz e Bem”.

Quando já eram muitos, Francisco decidiu ir a Roma pedir autorização ao Papa para criar uma nova ordem, mas o Papa Inocêncio III achou que a ordem tinha regras muito duras. Nessa noite o Papa sonhou que a Basílica de S. Pedro estava a ruir e que era Francisco quem a sustentava aos ombros, de manhã mandou chamá-lo, ajoelhou-se aos pés dele e permitiu que se fizesse a nova ordem, a Ordem dos Frades Menores.

Numa noite de Natal, Francisco representou o Presépio na cidade de Greccio. Enquanto cantavam apareceu um bebé na manjedoura e, a partir desse Natal, todos começaram a representar presépios em todo o mundo e em todas as casas.

Ao fim de alguns anos, Clara de Assis foi ter com Francisco e disse-lhe que se queria juntar a ele e à sua causa de adoração a Deus. Francisco cortou-lhe o cabelo e Clara tornou-se Mãe Espiritual de todas as jovens que quiseram juntar-se a eles nascendo, assim, a Ordem das Clarissas.

Um dia Francisco estava a rezar e apareceu-lhe um anjo envolvido numa luz muito intensa. Depois de desaparecer Francisco reparou que tinha feridas nas mãos e nos pés, eram as Chagas de Cristo (as feridas de Jesus).

Aos 45 anos de idade, no dia 3 de Outubro de 1225, Francisco doente e quase cego pediu aos seus amigos para o deitarem sobre a terra nua e, ao som do cântico das criaturas, morreu e de todo o lado vieram pássaros e pousaram junto dele.



## **São Francisco E A ALEGRIA DE TE ENCONTRAR Cristo**

São Francisco de Assis encontra a Alegria centrando a sua vida em Cristo. Quem segue Cristo recebe a verdadeira Paz e encontra a verdadeira Alegria. Não é o mundo que nos pode dar a verdadeira paz e alegria, apenas Deus o pode fazer.

Associamos Francisco a um Santo de Paz, a um Santo que foi testemunho da alegria de encontrar Jesus. Mas a realidade é que Francisco não vivia uma paz piegas, muito menos uma paz que tem origem no universo e nas energias do cosmos...

Num primeiro momento, Francisco abre o seu coração à alegria plena, escolhendo uma vida de pobreza, não por opção sociológica ou ideológica, mas por querer imitar Cristo, e seguiu-Lo até ao fim. Francisco despojou-se da sua vida mundana e confortável, despojou-se de si mesmo, para seguir o seu Senhor, Jesus.

A simplicidade de São Francisco testemunha o que o Evangelho ensina: seguir Jesus significa pô-lo em primeiro lugar, despojar-nos de tantas coisas que possuímos e que sufocam o nosso coração, renunciar a nós mesmos, tomar a cruz e carregá-la com Jesus. Despojar-se do eu orgulhoso e desapegar-se do desejo do ter, do dinheiro, que é um ídolo que possui. Esta atitude de despreendimento dá-nos verdadeiras pistas de como caminhar para um encontro alegre com Cristo.

A paz e alegria de São Francisco é a de Cristo, e encontra-a quem «toma sobre si» o seu «jugo», isto é, o seu mandamento: *Amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei* (cf. Jo 13, 34; 15, 12). E este jugo não se pode levar com arrogância, presunção, orgulho, mas apenas se pode levar com mansidão e humildade de coração.



## PRINCIPAIS ASPECTOS DA ESPIRITUALIDADE

Francisco ensina-nos não por palavras, mas através da sua vida:

- Vida em Pobreza
- Vida de Oração
- Vida de Amor por toda a Criação

### VIDA EM POBREZA

Francisco, filho de um comerciante rico de Assis, escolhe uma vida de pobreza e despojamento. Do seu encontro com Jesus, surge a vontade de trocar a sua antiga vida cómoda e sem preocupações, por uma vida simples. Esta decisão é motivada pela incessante vontade de imitar Cristo, desejo esse que se encerra no mandamento novo 'Amai-vos uns aos outros como eu vos ameí'. Francisco segue por isso um caminho de serviço aos outros, com uma dedicação especial aos mais pobres e necessitados.

Mais tarde na vida de Francisco, por forma a definir as regras da sua ordem, diante do Sacrário na Igreja, abriu ao acaso por três vezes a Santa Bíblia e leu as seguintes frases: "Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos Céus." (Mt 19,21) Na segunda vez: "Quem quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me." (Mt 16,24). E, finalmente, na terceira vez: "Não queirais levar para a viagem coisa alguma". (Lc 9,3).

Francisco alimentar-se da liberdade de uma vida em pobreza, revelado pelo Evangelho, pois só assim é capaz de se dedicar inteiramente à sua missão de servir Jesus Cristo.

### VIDA DE ORAÇÃO

Francisco ensina-nos que ser cristão é uma relação vital com a Pessoa de Jesus, é revestir se d'Ele, é assimilação a Ele. O caminho de Francisco começa do olhar de Jesus na cruz, na pequena Igreja de São Damião. E daqui tudo começa: é a experiência da Graça que transforma, de sermos amados sem mérito algum, até sendo pecadores.

Francisco venerava o Cristo que o levava até aos leprosos, encontrando o Cristo Crucificado na Eucaristia, diante da presença divina, poderosa e real na hóstia. Sobre a sua devoção à Eucaristia, escreveu: «E o Senhor me deu tão grande fé nas suas igrejas, que nelas com simplicidade o adorava, dizendo assim: Adoramos-te, santíssimo Senhor Jesus Cristo, aqui e em todas as tuas igrejas que estão por todo o mundo, e te louvamos, porque pela tua santa cruz remiste o mundo. Depois disto, deu-me o Senhor e me dá tanta e tal fé nos sacerdotes que vivem segundo a norma da santa Igreja romana, pelas ordens que têm, que, se alguém me

perseguir, quero recorrer a eles. E mesmo que eu tivesse tanta sabedoria quanta teve Salomão, se encontrasse os pobrezinhos sacerdotes deste mundo nas paróquias em que moram, não quereria aí pregar contra a sua vontade. E a eles e a todos os demais sacerdotes quero temer, amar e honrar como os meus senhores. E não quero considerar neles pecado, porque neles vejo o Filho de Deus, e são meus senhores. E por isto o faço: porque não vejo coisa alguma corporalmente, neste mundo, daquele altíssimo Filho de Deus, senão o seu santíssimo Corpo e Sangue, que eles recebem e só eles aos outros administram.» S. Francisco de Assis, Testamento 4-10.

O Santo encontra na oração e na comunhão as forças e graça necessária para viver uma vida de entrega. Efectivamente toda a sua vida é uma oração. O segredo de Francisco foi a sua intimidade com Deus.

### VIDA DE AMOR POR TODA A CRIAÇÃO

O amor por toda a criação, e pela sua harmonia são características indistinguíveis de Francisco. O Cântico das Criaturas, escrito por este, começa assim: «Altíssimo, onnipotente, bom Senhor, (...) louvado sejas (...) com todas as tuas criaturas» (FF, 1820).

O Santo de Assis dá testemunho de respeito por tudo o que Deus criou e como Ele o criou, sem fazer experiências sobre a criação destruindo-a; mas ajudando-a a crescer, a ser mais bela e semelhante àquilo que Deus criou. Sobretudo São Francisco dá testemunho de respeito por tudo, dá testemunho de que o homem é chamado a salvaguardar o homem, de modo que o homem esteja no centro da criação, no lugar onde Deus - o Criador - o quiz; e não instrumento dos ídolos que nós criamos! E assim é possível encontrar-se numa vida plena de harmonia e de paz, vida essa sem guerras e conflitos, discórdia e ódio.

Francisco foi homem de harmonia e de paz, que com a força e a mansidão do amor respeitou sempre a obra de Deus, sendo uma instrumento de criação.



### **São Francisco E A ALEGRIA DE TE ENCONTRAR no serviço**

“Queridos amigos, Francisco foi um grande santo e um homem jubiloso. A sua simplicidade, a sua humildade, a sua fé, o seu amor a Cristo, a sua bondade para cada homem e mulher fizeram-no feliz em todas as situações. De facto, entre a santidade e a alegria subsiste uma relação íntima e indissolúvel. Um escritor francês disse que no mundo só existe uma tristeza: a de não ser santo, isto é, de não estar próximo de Deus. Olhando para o testemunho de São Francisco, compreendemos que é este o segredo da verdadeira felicidade: tornar-nos santos, próximos de Deus!” Papa Bento XVI

Servir com amor e ternura as pessoas que precisam de tanta ajuda faz-nos crescer em humanidade, porque elas são verdadeiros recursos de humanidade. São Francisco era um jovem rico, tinha ideais de glória, mas Jesus, na pessoa daquele leproso, falou-lhe em silêncio, e transformou-o, fez-lhe compreender o que tem de veras valor na vida: não as riquezas, a força

das armas, a glória terrena, mas a humildade, a misericórdia, o perdão. O mais interessante é que S. Francisco tinha uma repugnância e mesmo assim foi ao encontro do leproso, baixando-se à condição dele, amando-o. Aqui está a base do Serviço Cristão. **A Alegria no Encontro com o outro traduz-se na Alegria do Encontro com Deus.** A primeira bem-aventurança do Sermão da Montanha - Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus (Mt 5, 3) - encontrou uma luminosa realização na vida e nas palavras de São Francisco. O testemunho de Francisco, que amou a pobreza para seguir Cristo com dedicação e liberdade totais, continua a ser também para nós um convite a cultivar a pobreza interior para crescer na confiança em Deus, unindo também um estilo de vida sóbrio e um desapego dos bens materiais.

Com aquele gesto Francisco fez a sua escolha: a escolha de ser pobre. Não é opção uma sociológica, ideológica, mas a escolha de ser como Jesus, de O imitar, de O seguir até ao fim. Jesus é Deus que se despoja da sua glória. Lemos isto em São Paulo: Cristo Jesus, que era Deus, despojou-se a si mesmo, esvaziou-se a si mesmo, e fez-se como nós, e neste humilhar-se chegou até à morte de cruz (cf. Fl 2, 6-8). Jesus é Deus, mas nasceu nu, foi colocado numa manjedoura, e morreu nu e crucificado.

Ouvindo um trecho do Evangelho de Mateus - o sermão de Jesus aos Apóstolos enviados em missão - Francisco sentiu-se chamado a viver na pobreza e a dedicar-se à pregação.

Mt 18, 16-20: 'Os onze discípulos partiram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes tinha indicado. Quando o viram, adoraram-no; alguns, no entanto, ainda duvidavam. Aproximando-se deles, Jesus disse-lhes:

«Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra. Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos.»'

Dado que o pai Bernardone lhe reprovava a demasiada generosidade para com os pobres, Francisco, diante do Bispo de Assis, com um gesto simbólico despojou-se das suas roupas, com a intenção de renunciar assim à herança paterna: como no momento da criação, Francisco nada possui, mas só a vida que Deus lhe doou, em cujas mãos ele se entrega.

Francisco despojou-se de tudo, da sua vida mundana, de si mesmo, para seguir o seu Senhor, Jesus, para ser como Ele. O Bispo Guido compreendeu aquele gesto e levantou-se imediatamente, abraçou Francisco, cobriu-o com o seu manto e deu-lhe sempre amparo e protecção (cf. Vita Prima, FF, 344).

O despojamento de São Francisco diz-nos simplesmente o que o Evangelho ensina: seguir Jesus significa pô-lo em primeiro lugar, despojar-nos de tantas coisas que possuímos e que sufocam o nosso coração, renunciar a nós mesmos, tomar a cruz e carregá-la com Jesus. Despojar-se do eu orgulhoso e desapegar-se do desejo do ter, do dinheiro, que é um ídolo que nos escraviza.

Perguntaram ao nosso Papa Francisco 'De que é que a Igreja tem maior necessidade neste momento histórico? São necessárias reformas? Quais são os seus desejos para a Igreja dos

próximos anos? Que Igreja “sonha”? No campo de carraças perguntamos, Papa Francisco, o que podemos fazer pela igreja de Jesus Cristo?

Como resposta, o Papa pede-nos que tenhamos um compromisso de serviço uns com os outros. Nas suas palavras: «Vejo com clareza — continua — que aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha. É inútil perguntar a um ferido grave se tem o colesterol ou o açúcar altos. Devem curar-se as suas feridas. Depois podemos falar de tudo o resto. Curar as feridas, curar as feridas... E é necessário começar de baixo». O mais importante, no entanto, é o primeiro anúncio: “Jesus Cristo salvou-te”.

Três vezes Cristo na Cruz se animou, e disse a S. Francisco: "Vai, Francisco, e repara a minha Igreja em ruínas". Este simples acontecimento da palavra do Senhor ouvida na igreja de São Damião esconde um simbolismo profundo. Chama à renovação, chama Francisco a um trabalho manual para reparar concretamente a pequena igreja de São Damião, símbolo da chamada mais profunda a renovar a própria Igreja de Cristo, com a sua radicalidade de fé e com o seu entusiasmo de amor a Cristo.

O que realmente reconstrói a Igreja não são pedras, é levar Cristo aos outros! Porque é que a resposta do reconstrói a minha Igreja é um homem pobre e caminhante? Porque a Igreja é missão! “Na palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de “saída”, que Deus quer provocar nos crentes. (...) Naquele “ide” de Jesus estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje somos todos chamados a esta nova “saída” missionária”. Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*

São Francisco de Assis é um testemunho de um vida de serviço dedicada a Cristo, através da sua vida podemos aprender a olhar para o que está à nossa volta e curar as feridas dos que nos rodeiam, de os servir. Acima de tudo, Francisco queria levar uma vida de imitação a Cristo, amando os outros, tal como Cristo ama o seu povo. São Francisco sabia que Cristo nunca é "meu", mas é sempre "nosso", que não posso tê-lo "eu" e reconstruir "eu" contra a Igreja, a sua vontade e o seu ensinamento, mas só na comunhão da Igreja construída sobre a sucessão dos Apóstolos é que se renova também a obediência à palavra de Deus.



## ORAÇÃO

**Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa paz.**

Onde houver ódio, que eu leve o amor;  
onde houver ofensa, que eu leve o perdão;  
onde houver discórdia, que eu leve a união;  
onde houver dúvida, que eu leve a fé;  
onde houver erro, que eu leve a verdade;  
onde houver desespero, que eu leve a esperança;  
onde houver tristeza, que eu leve a alegria;  
onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, Fazei que eu procure mais  
consolar, que ser consolado;  
compreender, que ser compreendido;  
amar, que ser amado.  
Pois, é dando que se recebe,  
é perdoando que se é perdoado,  
e é morrendo que se vive para a vida eterna.

Ámen

Nota: Esta oração é popularmente atribuída a São Francisco de Assis, visto que nos remete à sua vida. No entanto foi escrita no início do século XX, assinado por um autor anónimo.



## São João Evangelista

*‘Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus’*



### BIOGRAFIA

São João Evangelista, um dos primeiros Apóstolos de Cristo ou, o último dos Apóstolos de Cristo ou, o discípulo predilecto de Cristo...tantas são as perspectivas que fizeram deste Santo contemporâneo de Cristo, o seu mais próximo mensageiro.

Tendo morrido quase centenário, foi, no entanto, com pouco mais de vinte anos que, no lago de Tiberíades, João foi chamado por Jesus a constituir o grupo dos primeiros apóstolos. É portanto o mais novo e, simultaneamente, o mais velho de entre todos os apóstolos: atravessou o século de Cristo com os primeiros Cristãos. Venerado por eles, João esteve na “primeira pessoa” com Jesus e com Maria Sua Mãe, que lhe foi confiada.

João, irmão de Tiago, ambos filhos de Zebedeu e Salomé, de Betsaida, eram pescadores como o pai. Não eram pescadores pobres, tinham ao seu serviço empregados, barco próprio, extensas redes e a sua mãe era uma das piedosas mulheres que valia com os seus bens às necessidades materiais de Jesus.

João fazia parte do grupo restrito de apóstolos e esteve presente nos momentos cruciais da vida pública de Jesus: na ressurreição da filha de Jairo; na transfiguração no monte Tabor; na Sua agonia no Getsémani; viveu de perto a paixão de Cristo e foi o único que ousou, por fidelidade, acompanhar Jesus até ao “fim”. Foi também o primeiro que O reconheceu ressuscitado.

Conhecem-se dois períodos da sua vida, separados por um grande silêncio de quase meio século: Um primeiro momento, enquanto companheiro permanente de Jesus, que é relatado, quer pelos outros evangelistas do novo testamento, quer pelo que foi escrito pela sua própria mão, dando testemunho da sua vivência com Cristo através do seu derradeiro evangelho, de valor histórico irrecusável; e um segundo momento, relatado nas três cartas aos Éfeseos, aos quais dedicou parte da sua actividade apostólica, e no apocalipse, escrito a partir do seu desterro em Patmos, pequena ilha do mar Egeu, a que se viu condenado, por ter dado testemunho de Jesus.

A iconografia retratou-o como uma figura de jovem brando e suave, talvez por contraste a Pedro, mais intempestivo, e Tiago, seu irmão mais velho. Pelas características próprias da sua juventude, João não é por acaso chamado também de Boanerges (filho do trovão). Este discípulo, “o que Jesus amava”, o mais jovem entre os discípulos, foi certamente o pescador robusto e vigoroso; o rapaz equilibrado e sereno que respeitosa e sempre colocou-se em segundo lugar quando acompanhava Pedro. Foi o homem firme a quem Jesus confiou vitaliciamente a Sua mãe como herança. O teólogo do novo testamento que, com os pés na terra, soube elevar a teologia de Cristo de forma única. Tudo isto supõe uma personalidade riquíssima em qualidades humanas, firme na entrega interior e exterior, total e decisiva, ao amor e serviço a Jesus.

João sentiu uma tal predilecção de Jesus por si que, fugindo aos relatos na primeira pessoa, se assinalou como “o discípulo que Jesus amava” - João conheceu o amor único de Jesus por si, talvez mesmo antes de todos os outros, revelando-o explicitamente. Na noite da ceia reclinou a cabeça sobre o peito do Mestre e foi o único discípulo que esteve aos pés da Cruz.

A sua amizade com Pedro foi de sempre. Conterrâneos e companheiros de trabalho, foram ambos encarregues por Jesus de preparar a última ceia pascal. Também foi certamente João, na noite da paixão, quem introduziu Pedro na casa do sumo sacerdote e na manhã da ressurreição, verificaram juntos, que o sepulcro estava vazio. Juntos aparecem também na cura de um paralisado por Pedro, na prisão e julgamento perante o sínédrio e na Samaria, para onde se dirigem em nome dos doze, afim de evocarem o Espírito Santo, sobre os já crentes. Quando São Paulo volta a Jerusalém pelo ano 49, e depois da sua primeira experiência missionária, encontrando-os refere-se aos dois juntamente com Tiago, como os grandes “Pilares do Cristianismo” (Gl 2, 9).

Ao período de silêncio, de que pouco se conhece, corresponde certamente uma travessia pelo tempo hostil que se seguiu à morte de Jesus, do confronto com os gnósticos e pagãos e às perseguições de Domiciano: a toda esta provação, só se lhe conhece uma defesa inequívoca da verdade, com firmeza e grande coragem.

Pesou sobre este homem, nonagenário, sobrevivente único dos que conviveram com o Mestre, o sustentáculo da fé cristã. Mas Deus concedeu-lhe, providencialmente, tão longos anos de vida, que esta presença e convívio com os primeiros pastores revelar-se-iam como o pilar básico da nossa Igreja, naquele terrível momento da sua história.

Mas desse tempo, que muito se desconhece, alguns episódios poderão trazer pistas sobre os lugares por onde andou, as igrejas onde pregou, a motivação dos movimentos que fez. A tradição considera a sua vinda a Éfeso depois de Patmos como um regresso, pois lá teria estado anteriormente. Entre os anos 66 e 68 muitos acontecimentos justificam os seus movimentos: por um lado, é por volta desta data que se calcula a morte de Nossa Senhora, a Virgem que lhe fora confiada pelo Mestre; por outro é nesta data que se iniciam as guerras judaico romanas que culminam com a destruição de Jerusalém, conforme antecipado por Jesus, dispersando os cristãos por outras regiões.

São três as obras saídas da sua pena, incluídas no Cânone do Novo Testamento: o quarto evangelho, o apocalipse e as três cartas que têm o seu nome.

Apesar da sua serenidade e procura de anonimato, a forte personalidade do autor, dominada pela profundíssima penetração no “mistério” de Jesus, é manifestada pela profundidade das ideias, que o leitor não esgota, e pela particularidade de um estilo pobre em gramática e em recursos literários, mas de um dramatismo inigualável.

Os escritos de São João constituem, no final dos livros Sagrados, a maturidade definitiva da revelação. Com uma meia dúzia de ideias, mas carregado de densidade teológica, João desenvolve o tema central e mesmo único dos seus escritos: ensinar-nos quem é Jesus: Deus-Homem, Luz, Verdade e Amor.

Se quisermos resumir, em poucas palavras, a que se devem as características da escrita de São João, diríamos: primeiro, o amor sincero do seu coração ao Mestre durante a Sua vida terrena; segundo, à intimidade com o convívio diário com a Santíssima Virgem Maria, desde o momento em que Jesus a confiou aos seus cuidados aos pés da cruz, até à sua subida aos céus; terceiro, a um contínuo repensar dos factos de que foi testemunha directa durante a vida de Cristo e ao valorizar-lhes o significado “sobrenatural”; quarto, ao seu constante “permanecer em Cristo” durante tantos anos de união íntima com Ele, pela fé e pela recordação, com o que obteve essa penetração saborosíssima do mistério de Jesus.



## São João E A ALEGRIA DE ENCONTRAR Cristo

Do encontro de São João com Jesus brota uma inexplicável e fecunda fidelidade. Só o encontro profundo de total atribuição do sentido maior da vida a Jesus nos pode desvelar este mistério. Uma experiência por vezes dolorosa mas sem dúvida também uma experiência de relação amorosa em todo o tempo.

Ao percorrermos os quatro Evangelhos podemos notar que São João, apesar de ser o mais novo dos Apóstolos, nunca apresenta sinais de inquietação, de insegurança perante a realidade porque, estando com Jesus, João deixou-se amar, deixou-se atrair por Ele desde o primeiro momento, de tal maneira que nunca deixou de estar sintonizado com o Mestre. *“<sup>467</sup>.Os dois discípulos ouviram-no falar e seguiram Jesus.<sup>38</sup>.Voltando-se Jesus e vendo que o seguiam,*

*perguntou-lhes: Que procurais?<sup>9</sup> Disseram-lhe: Rabi (que quer dizer Mestre), onde moras?<sup>10</sup> Vinde e vede, respondeu-lhes ele. Foram aonde ele morava e ficaram com ele aquele dia. Era cerca da hora décima.” (Jo 1, 37-39). Não foi por sentimentos ou intuições, João teve um encontro concreto com Jesus, tal como pode acontecer connosco. Deixou-se atrair, curioso, deixou-se encontrar por Jesus indo ao Seu encontro. Foi marcante e preciso. “Era cerca da hora décima”.*

Nas peripécias onde é referida a presença específica de João sobressai a sua ligação de amor a Jesus, a sua sede e a sua plenitude ao mesmo tempo, frágil e forte em simultâneo, como é típico do Amor. Não teme a morte no caminho para a cruz de Jesus, pois sabe que a Vida é Ele mesmo, e escolheu a melhor parte, ficar junto da Vida.

João orgulha-se de Jesus ser o constituinte de sentido mais profundo e único da sua vida. João está centrado. “Deus é amor” (1 Jo 4, 16) esta é a experiência de João com Jesus, o próprio Deus. João corre no máximo das suas capacidades para Jesus e tem uma Fé de tal forma purificada que se inclina, antes de “entrar no conhecimentos de todos os factos para saber reconhecer Jesus e n’Ele acreditar”, primeiro “inclina-se interiormente”, prepara-se para o Encontro, para o Mistério, e então depois acolhe os sinais da ressurreição. Como se pode entender deste episódio:

*“No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo logo de manhã, ainda escuro, e viu retirada a pedra que o tapava.<sup>2</sup> Correndo, foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, o que Jesus amava (São João), e disse-lhes: «O Senhor foi levado do túmulo e não sabemos onde o puseram.»*

*<sup>3</sup>Pedro saiu com o outro discípulo (São João) e foram ao túmulo. <sup>4</sup>Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo (São João) correu mais do que Pedro e chegou primeiro ao túmulo. <sup>5</sup>Inclinou-se para observar e reparou que os panos de linho estavam espalmados no chão, mas não entrou. <sup>6</sup>Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguia. Entrou no túmulo e ficou admirado ao ver os panos de linho espalmados no chão, <sup>7</sup>ao passo que o lenço que tivera em volta da cabeça não estava espalmado no chão juntamente com os panos de linho, mas de outro modo, enrolado noutra posição. <sup>8</sup>Então, entrou também o outro discípulo (São João), o que tinha chegado primeiro ao túmulo. Viu e começou a crer” (Jo 20, 1-8)*

A Alegria de São João manifestava-se na sua permanente sintonia e identificação fiel a Jesus, no saber-se amado e daí fazer a experiência que o remete a uma vida realizada. João não era privilegiado mas sabia-se predileto de Jesus, como todos nós o podemos saber pelo Amor inteiro a todos e particular a cada um. Como que se tivesse uma relação única de intimidade com Jesus. Como se verifica por exemplo, nesta passagem:

*<sup>20</sup>Pedro voltou-se e viu que o seguia o discípulo que Jesus amava (São João), o mesmo que na ceia se tinha apoiado sobre o seu peito e lhe tinha perguntado: ‘Senhor, quem é que te vai entregar?’<sup>21</sup> Ao vê-lo, Pedro perguntou a Jesus: «Senhor, e que vai ser deste?»<sup>22</sup> Jesus respondeu-lhe: «E se Eu quiser que ele fique até Eu voltar, que tens tu com isso? Tu, segue-me!»*

*<sup>23</sup>Foi assim que, entre os irmãos, correu este rumor de que aquele discípulo não morreria.*

*Jesus, porém, não disse que ele não havia de morrer, mas sim: «Se Eu quiser que ele fique até Eu voltar, que tens tu com isso?» (Jo 21, 20-23)*



## PRINCIPAIS ASPECTOS DA ESPIRITUALIDADE

**Convívio directo com Jesus** - Da relação íntima com que se abriu a Jesus, não tirou regalia ou privilégio. A ser o mais íntimo, foi, por opção de amor, o mais fiel;

**Forte Fé apostólica** - Relação de estrita confiança; modelo do discípulo fiel; João não deixa de sublinhar o realismo da humanidade de Jesus, num premente apelo à unidade e ao amor fraterno entre todos os fiéis, revelando a forma mais completa dos mistérios da Santíssima Trindade e da Encarnação do Verbo.

**Guarda de Maria** - Tal era a sua integridade e profunda adesão à mensagem de Cristo, que lhe foi confiada Maria, Sua mãe;

**Discípulo amado** - Deixou-se amar; reconhece-se como “o amado”, um reconhecimento do permanente Amor de Jesus, que testemunha e partilha.



### São João E só Deus

A alegria do encontro com Jesus em João, não era só a do encontro com Ele mas a alegria de proporcionar aos outros o encontro com o próprio Deus. São João permanece por que se deixou amar permanentemente por Jesus. Só Deus bastava a João. Porquê? Porque em todas as coisas procuramos a experiência de Felicidade completa que também João fez ao deixar-se Amar totalmente por Jesus. Curiosamente, desejamos o Amor incondicional, mas parece que não suportamos facilmente a plena experiência de sermos amados incondicionalmente. Precisamos de deixar que o Senhor vença, contra a nossa vontade de não nos deixarmos vencer por Si, tal como João. Mas o desafio não é só este de nos sabermos e nos querermos o filho que sempre volta à casa do Pai. Viver apenas entre a fuga e o regresso. O filho que cresce é o que não tem medo de crescer e se sabe chamado a ser pai, como o Pai, para todos. Como o Pai o é para si. Ser como o Pai, por Seu Filho com o Seu Filho, no Seu Filho. Quem experimenta esta dependência originária sabe que não há direito - há Graça. Daqui nasce a Alegria, experiência de relação de São João com Jesus.

## ORAÇÃO

### Oração 1 | (Ap 22)

Eu sou o Alfa e o Ómega,  
o Primeiro e o Último,  
o Princípio e o Fim.  
Felizes os que lavam as suas vestes,  
para terem direito à árvore da Vida  
e poderem entrar nas portas da cidade.  
Fora os cães, os feiticeiros,  
os luxuriosos, os assassinos,  
os idólatras  
e todos os que amam e praticam a fraude.

Eu sou o descendente e a estirpe de David,  
Eu sou a brilhante estrela da manhã.»  
O Espírito e a Esposa dizem: «Vem!»  
Diga também o que escuta: «Vem!»  
O que tem sede que se aproxime; e o que deseja beba gratuitamente da água da vida.»

### Oração 2 | PRÓLOGO (1Jo 1)

O que existia desde o princípio,  
o que ouvimos,  
o que vimos com os nossos olhos,  
o que contemplámos e as nossas mãos tocaram  
relativamente ao Verbo da Vida,  
de facto, a Vida manifestou-se;  
nós vimo-la,  
dela damos testemunho  
e anunciamo-vos a Vida eterna  
que estava junto do Pai  
e que se manifestou a nós  
3o que nós vimos e ouvimos,  
isso vos anunciamos,  
para que também vós estejais em comunhão connosco.  
E nós estamos em comunhão com o Pai  
e com seu Filho, Jesus Cristo.

### Oração 3 | PRÓLOGO (Jo 1,1-18)

No princípio existia o Verbo;  
o Verbo estava em Deus;  
e o Verbo era Deus.

No princípio Ele estava em Deus.  
Por Ele é que tudo começou a existir;  
e sem Ele nada veio à existência.  
Nele é que estava a Vida  
de tudo o que veio a existir.  
E a Vida era a Luz dos homens.  
A Luz brilhou nas trevas,  
mas as trevas não a receberam.  
Apareceu um homem, enviado por Deus, que se chamava João. 7Este vinha como  
testemunha, para dar testemunho da Luz e todos crerem por meio dele. 8Ele não era a Luz,  
mas vinha para dar testemunho da Luz.  
O Verbo era a Luz verdadeira,  
que, ao vir ao mundo,  
a todo o homem ilumina.  
Ele estava no mundo  
e por Ele o mundo veio à existência,  
mas o mundo não o reconheceu.  
Veio para o que era seu,  
e os seus não o receberam.  
Mas, a quantos o receberam,  
aos que nele crêem,  
deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus.  
Estes não nasceram de laços de sangue,  
nem de um impulso da carne,  
nem da vontade de um homem,  
mas sim de Deus.  
E o Verbo fez-se homem  
e veio habitar connosco.  
E nós contemplámos a sua glória,  
a glória que possui como Filho Unigénito do Pai,  
cheio de graça e de verdade.  
João deu testemunho dele ao clamar: «Este era aquele de quem eu disse: ‘O que vem depois  
de mim passou-me à frente, porque existia antes de mim.’»  
Sim, todos nós participamos da sua plenitude, recebendo graças sobre graças. É que a Lei foi  
dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram-nos por Jesus Cristo.  
A Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele  
quem o deu a conhecer.





## São João Paulo II

*'Bem-aventurados os que promovem a Paz, porque serão chamados filhos de Deus; Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça porque deles é o reino dos Céus; Bem-aventurados sereis quando vos insultarem, vos perseguirem e disserem falsamente toda a espécie de Mal contra vós por causa de Mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos Céus, pois também assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós'*



### BIOGRAFIA

“Não tenhais medo! Abri, melhor, escancarai as portas a Cristo!”

Foi no pontificado de São João Paulo II, que a maior parte de nós nasceu. Foi Papa durante 25 anos. Morreu no dia 2 Abril de 2005, fez agora 9 anos. São João Paulo II é um Santo do nosso tempo.

São João Paulo II, antes de ser Papa chamava-se Karol Wojtyła e nasceu a 18 de Maio de 1920 em Wadowice, perto da cidade Cracóvia, no sul da Polónia. A infância foi difícil, a mãe tinha uma saúde muito frágil, estava sempre doente. Fica sem mãe apenas com 9 anos, e dela, Lolek (era o nome pelo qual a mãe o tratava), mais tarde realçou o facto de «não ter pura consciência do contributo» que ela lhe deu para a sua vida religiosa, mas «que deve ter sido muito grande».

Edmund irmão mais velho, que era médico também morreu inesperadamente aos 26 anos devido a uma epidemia de escarlatina, tinha Lolek 12 anos de idade. Dizia aos vizinhos que o iam consolar, que tinha sido a vontade de Deus.

Aos 21 anos, ficou sem Pai que foi para ele uma referência muito importante na sua educação.

O Pai era militar, (Capitão) e também se chamava Karol Wojtyla como o filho, era um «homem justo» e tinha como responsabilidade precisamente, transmitir esse mandamento da vida ao seu filho.

O Capitão Karol era uma pessoa acessível. Era rígido no que tocava à educação de Lolek, mas justo. Ensinou ao ao filho Alemão, Literatura e História Polaca, ainda antes de Lolek entrar na escola. Mais tarde o Papa viria a recordar o pai como um «homem de oração constante». À noite e de manhã bem cedo, o jovem Lolek encontrava o pai de joelhos a rezar silenciosamente no quarto. Liam a Bíblia em conjunto. e rezavam regularmente os dois o terço,

Para além da oração, Lolek aprendeu com o seu pai que a Igreja é mais do que instituição visível. O «mistério da Igreja», a sua «dimensão invisível», é «maior do que a estrutura e a organização da Igreja» que estão ao «serviço do mistério». Segundo o testemunho de Loekl, foi o modo de vida do pai que semeou no futuro Papa a ideia de que a vida de fé não deve ser confundida com o aspeto exterior, mas tem antes a ver com a conversão interior. Mais tarde João Paulo II escreveu nas curtas memórias autobiográficas sobre o início da sua formação religiosa estar «acima de tudo» grato a seu pai. Diz ainda o Papa sobre o seu pai «nunca falámos sobre uma vocação para o sacerdócio mas o seu exemplo foi de certa forma, o meu primeiro seminário, uma espécie de seminário caseiro» relembra o Papa.

Muito possivelmente, foram estas perdas e o sofrimento causado, que o tornaram um Papa tão sensível e com tanto carinho pela família.

Era excelente aluno e multifacetado desde cedo manifestou interesse pelo teatro, pela literatura, pela poesia. Era um grande desportista e adepto do ar livre. Gostava muito de ir à neve! Esquiava na perfeição. Também gostava muito de dar longos passeios e até acampava já Padre com grupos de jovens como nós aqui.

Chegou a montar um teatro para distrair os doentes, (que lhe faziam muita impressão pelo sofrimento que passavam), no hospital de Bielsko aonde trabalhava o médico Edmund seu irmão.

Com o início da 2ª Grande Guerra, e a posterior ocupação da Polónia pelos comunistas da União Soviética, a religião Católica foi proibida, tendo passado para a clandestinidade. Entretanto para Karol Wojtyla, sucedem-se largos anos de crescimento na Fé confirmado por grandes provas e uma intensa luta na defesa do catolicismo e da cultura polaca.

Ser apanhado num seminário representava ser enviado para um campo de concentração ou mesmo ser condenado á morte.

Com a invasão nazi da Polónia Karol Wojtyla e um grupo de jovens polacos criaram uma universidade clandestina, como forma de resistirem ao encerramento das universidades Polacas, decretado pelos nazis alemães. O futuro Papa teve que estudar Teologia, escondido, na clandestinidade, chegando a trabalhar durante o dia simultaneamente numa fábrica de produção de soda caustica como operário e também como mineiro, extraindo mineral no fundo da mina, para que não desconfiassem que era Católico. Esses foram trabalhos

fisicamente e psicologicamente muito exigentes e difíceis. No entanto à noite tinha aulas em locais secretos com professores que conseguiam escapar aos controlos Alemães.

Durante este tempo, crescia numa grande intimidade com Cristo, lendo variados livros religiosos, de filosofia e teologia

Ordenado sacerdote com 26 anos, em 1946, Wojtyla licenciou-se em Teologia e, mais tarde, em Filosofia, desempenhando depois as funções de Professor na Universidade Católica de Lublin e na Universidade Estatal de Cracóvia, onde conheceu importantes representantes do movimento católico polaco. Em 1958, com apenas 38 anos foi consagrado Bispo Auxiliar do Administrador Apostólico de Cracóvia, Monsenhor Baziak, tornando-se o mais novo membro do Episcopado polaco.

Participou nos trabalhos do Concílio Vaticano II e, com a morte de Baziak, em 1964, passou a desempenhar as funções de Bispo, cargo que ocupou durante dois anos, altura em que o Papa Paulo VI elevou Cracóvia a Arquidiocese.

Três anos mais tarde, em 1967, com 47 anos, foi elevado a Cardeal.

A 16 de Outubro de 1978, depois da morte de João Paulo I, aos 58 anos, o Cardeal Karol Wojtyla foi eleito Papa, escolhendo o nome de João Paulo II em honra do último antecessor e tomando como lema «Totus Tuus Maria» Chegar a Jesus por sua Mãe, Nossa Senhora, Todo Teu Maria.

O seu pontificado teve um papel fundamental para o fim do comunismo na Polónia, a queda do muro na Alemanha, alastrando a toda a Europa. Também na política, João Paulo II quis abrir as portas a Cristo!

A 13 de Maio de 1981, 3 anos depois da sua eleição, o Papa foi vítima de um gravíssimo atentado na Praça de São Pedro. Perdoou ao autor do atentado! Foi uma circunstância terrível em que só pedia ajuda a Nossa Senhora. Depois o seu secretário Monsenhor Dziwisz lhe ter lembrado do atentado da véspera, diz ao Papa que esse dia 13 era o dia da primeira aparição de Nossa Senhora em Fátima. Conta-lhe ainda que a bala disparada podia tê-lo morto, mas que por milagre, a mão de Nossa Senhora de Fátima o tinha protegido, desviando a bala 2 centímetros. Ainda no hospital o Papa perdoou ao terrorista Ali Agca demonstrando que o perdão e o amor pelo próximo são os ensinamentos de Cristo.

O Santo Padre João Paulo II, veio em peregrinação a Fátima a 13 de Maio de 1982, um ano após o atentado, para agradecer a Nossa Senhora de Fátima. Salvo pela mão materna da mãe de Deus, fica com uma enorme ligação e reconhecimento por Nossa Senhora de Fátima. Disse ter tido 3 anos de pontificado mais todos os outros anos de milagre!

Mais tarde consagrou a Rússia ao Imaculado Coração de Maria correspondendo ao desejo, pedido por Nossa Senhora aos Pastorinhos.

Voltou a Portugal no ano 2000, 19 anos mais tarde altura em que revelou o terceiro segredo de Fátima, no qual ele próprio foi a vítima, no atentado de 13 de Maio de 1981

O Papa João Paulo II contribuiu também decisivamente para estreitar as relações da Igreja Católica com as outras religiões, querendo reafirmar, que a Igreja tem que ter uma postura Ecuménica, dando espaço aos diálogos com outras religiões.

Apelou ainda insistentemente à Paz, “a guerra é uma aventura sem retorno”, disse São João Paulo II.

Em Março de 2000, é com uma enorme comoção que o Papa, já doente e cansado, vai visitar a Terra Santa. Numa atitude de profunda humildade, junto do Muro das Lamentações murmura baixinho uma oração “ Deus dos nossos pais, Vós escolheste Abraão e a sua descendência para levarem o Vosso nome aos gentios; sentimo-nos profundamente consternados pelo comportamento de quantos, no decurso da história, fizeram sofrer estes vossos filhos e, pedindo-Vos perdão, queremos empenhar-nos numa fraternidade autêntica com o povo da aliança. Por Cristo Nosso Senhor”

Também deu início às Jornadas Mundiais da Juventude, acreditava que a juventude é o futuro da Fé, e que precisa de ser carinhosamente acompanhada. “gosto muito de ser amigo dos jovens. Mas sou um amigo exigente... Livres para amar! Caros jovens, quem não deseja amar e ser amado? Mas para experimentar o amor sincero, é preciso abrir a porta do coração a Jesus e percorrer o caminho que Ele traçou com a sua própria vida: o caminho da dádiva de si mesmo”

No seu pontificado realizaram-se 19 jornadas que juntaram milhões de jovens de todo o mundo. As últimas Jornadas foram realizadas no Rio de Janeiro Brasil em 2013, com a presença do Papa Francisco.

O Papa João Paulo II celebrou 147 ritos de Beatificação, nos quais proclamou 1383 beatos, e 51 canonizações, num total de 482 Santos, lembrando com vigor a “vocação universal à medida alta da vida cristã, à Santidade” e que esta está ao alcance de todos.

Em 26 anos de Pontificado, o Papa realizou 146 visitas em Itália e 104 viagens fora deste país, que correspondem a 130 países e mais de 600 localidades nos 5 continentes do mundo. A propósito das viagens João Paulo II lembra que Cristo pediu “Ide por todo o mundo até aos confins da terra...Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a todas as criaturas.” No dia do 15º aniversário da sua eleição João Paulo II pede “ seja-me concedida a força necessária para me consumir a mim mesmo, a exemplo de Paulo, ao serviço da Igreja”

Morreu em 2 de Abril de 2005 aos 85 anos, após 27 anos de Pontificado.

Foi proclamado Venerável em Dezembro de 2002 e Beato em 1 de Maio de 2011 pelo Papa Bento XVI na Praça de São Pedro no Vaticano, em Roma.

O Papa Francisco em Setembro de 2013, proclamou-o Santo e foi Canonizado no passado dia 27 de Abril de 2014 na Praça de São Pedro no Vaticano em Roma.



## São João Paulo II E A ALEGRIA DE ENCONTRAR Cristo

João Paulo foi sempre um apaixonado pela Vida, e teve uma vida cheia!

Viveu a alegria de encontrar Cristo no amadurecimento da sua vocação, no entusiasmo do desporto e no contacto com a natureza

Esta Alegria também foi a sua força no sofrimento que o acompanhou nas várias fases da vida: na morte da sua família mais chegada, na clandestinidade durante o Nazismo e Comunismo, no atentado, na doença que enfrentou na última fase da sua vida na terra

João Paulo II vive ainda a Alegria de encontrar Cristo em cada homem; de tal forma que pediu como graça específica quando foi eleito Papa que no meio da multidão o seu olhar se encontrasse com o de cada pessoa, o que é testemunhado por tanta e tanta gente que sentiu sobre si o olhar do Papa.



## PRINCIPAIS ASPECTOS DA ESPIRITUALIDADE

### Fascinante proximidade e profunda humanidade

Imediatamente reconhecível na maneira como olhava cada homem, como se naquele momento fosse único. Encontro com cada pessoa em quem fixava um olhar, sempre portador de uma certeza de salvação que queria partilhar, de uma proposta concreta de conversão para cada homem

### Forte Fé apostólica

“Felizes os que acreditam sem terem visto” - Como disse o Papa Bento XVI na homilia da Beatificação “a bem-aventurança da fé que João Paulo recebeu de Deus Pai para a edificação da Igreja”. Esta Fé em Jesus Cristo que partilhava de uma forma sempre atractiva e que cultivava em longos períodos de oração diária

### Profunda Devoção a Maria

O Papa Totus Tuus “Sou todo vosso e tudo o que possuo é vosso. Tomo-vos como toda a minha riqueza . Dai-me o vosso coração, ó Maria”. Maria , a Mãe a quem João Paulo II pede protecção, elegendo o Rosário como sua oração preferida. Recitar o Rosário, diz João Paulo II, “é contemplar com Maria o rosto de Cristo”. De facto na sua devoção a Maria, esta aparece desde sempre profundamente ligada a Cristo. Em 25 de Março de 1984 faz a Consagração do

Mundo ao Imaculado Coração de Maria na Praça de S. Pedro com a presença da imagem de Nossa Senhora de Fátima, como Esta tinha pedido aos pastorinhos.

### **Enorme carinho pela família e pelo seu papel no mundo**

Disse João Paulo II “A família é sinal do amor de Deus pela humanidade... A família é o coração da Igreja”... Acreditar na família é construir o futuro...A família é a comunidade humana fundamental; a primeira célula vital de qualquer sociedade. Por esta razão, os esposos cristãos têm uma missão insubstituível no mundo de hoje. O amor generoso e a fidelidade do esposo e da esposa oferecem estabilidade e esperança a um mundo dilacerado pelo ódio e pela divisão. Com a sua perseverança durante toda a vida no amor vivificante, eles mostram o carácter sagrado e indissolúvel do vínculo sacramental do matrimónio. Ao mesmo tempo é a família cristã que promove simples e profundamente a dignidade e o valor da vida humana desde o momento da concepção”.

Como referiu o Papa Francisco na homília na canonização: ‘São João Paulo II foi o Papa da família. Ele mesmo disse uma vez que assim gostaria de ser lembrado: como Papa da família... no momento em que estamos a viver um caminho sobre a família e com as famílias, um caminho que ele seguramente acompanha e sustenta do Céu.’

### **Um corajoso e profundo amor à Verdade**

Para João Paulo II a plenitude tinha um nome , Jesus Cristo, só Este pode responder plenamente aos nossos desejos. João Paulo II anunciou isto desde sempre, quando era forte e vigoroso mas também quando estava frágil e doente. “Não tenhais medo! Abri, melhor escancarai as Portas a Cristo! Convida cada um a fazê-lo e a perceber que esta busca da verdade se traduz no amor de Cristo que nos liberta do pecado e nos dá a Alegria plena. Como disse o Papa Bento XVI na homília da Beatificação “Aquilo que o Papa recém-eleito pedia a todos, começou, ele mesmo, a fazê-lo: abriu a Cristo a sociedade, a cultura, os sistemas políticos e económicos, invertendo, com a força de um gigante – força que lhe vinha de Deus – , uma tendência que parecia irreversível. Com o seu testemunho de fé, de amor e de coragem apostólica, acompanhado por uma grande sensibilidade humana, este filho exemplar da Nação Polaca ajudou os cristãos de todo o mundo a não ter medo de se dizerem cristãos, de pertencerem à Igreja, de falarem do Evangelho. Numa palavra, ajudou-nos a não ter medo da verdade, porque a verdade é garantia de liberdade. Sintetizando ainda mais: deu-nos novamente a força de crer em Cristo, porque Cristo é o Redentor do homem”



## **São João Paulo II E A ALEGRIA DE TE ENCONTAR na Missão**

Missão de pastor dos homens, primeiro como sacerdote depois como Bispo e Papa

A urgência de cristianização do mundo e os seus profundos conhecimentos teológicos levou São João Paulo II a publicar documentos decisivos para a Igreja entre eles o catecismo da

Igreja Católica, 14 encíclicas, 15 exortações apostólicas, 11 constituições apostólicas, 45 cartas apostólicas e 5 livros.

Na alegria de O encontrar, foi grande evangelizador e missionário, através das viagens que realizou pelo mundo inteiro, levando na Palavra de Cristo a Esperança às nações e a cada homem.

Uma vez em Roma de visita à paróquia de San Benedetto, perto de São Paulo Extra-Muros, João Paulo II é recebido por um grupo de miúdos. “Porque viajas tanto?” A pergunta é feita por um deles, mais destemido: “Porque é que viajas pelo Mundo?” João Paulo II olha para ele e responde: “Porque o mundo não está todo aqui! Não leste o que disse Jesus? «Ide e evangelizai o mundo inteiro.» Por isso, eu viajo pelo mundo inteiro!” (1.)

Imita os apóstolos, gastando-se até ao fim das suas forças para poder transmitir a todos e a cada um, se possível olhos nos olhos, esta certeza: “Não tenhais medo, Abri as portas a Cristo!”

Foi um incessante e contínuo peregrinar pelo mundo em que nada o detinha, nem as dificuldades políticas, nem o cansaço, nem mesmo o avanço da doença.

O testemunho no sofrimento que a todos nos tocou e em particular a Bento XVI conforme diz na homilia da beatificação “E, depois, impressionou-me o seu testemunho no sofrimento: pouco a pouco o Senhor foi-o despojando de tudo, mas permaneceu sempre uma «rocha», como Cristo o quis. A sua humildade profunda, enraizada na união íntima com Cristo, permitiu-lhe continuar a guiar a Igreja e a dar ao mundo uma mensagem ainda mais eloquente, justamente no período em que as forças físicas definhavam”

Em resumo e relativamente à missão de João Paulo II, como sublinha Bento XVI “Assim, realizou de maneira extraordinária a vocação de todo o sacerdote e bispo: tornar-se um só com aquele Jesus que diariamente recebe e oferece na Igreja.”



## ORAÇÃO

### **Oração Para Viver na Alegria**

Deus, nosso Pai,  
amaste tanto os homens  
que nos enviaste  
o Teu Filho único, Jesus,  
nascido da Virgem Maria,  
para nos salvar  
e nos reconduzir a Ti.  
Pedimos-Te,  
bom Pai,  
que dês a Tua bênção também a nós,  
aos nossos pais,

às nossas famílias  
e aos nossos amigos.  
Abre o nosso coração,  
para que saibamos receber Jesus na alegria,  
fazer sempre o que nos pede  
e vê-l'O em todos  
os que precisam do nosso amor.  
Nós To pedimos em nome de Jesus,  
Teu amado Filho,  
Que vem paz dar paz ao mundo.  
Ele que vive e reina pelos séculos dos séculos. Amen.

### **Oração aos Jovens**

Na viagem apostólica a Toronto, à cidade da Guatemala e à cidade do México, nas XVII Jornada Mundial da Juventude na Homilia João Paulo II de Domingo, 28 de Julho de 2000

Ó Senhor Jesus Cristo,  
Conservai estes jovens  
no vosso amor.  
Permiti que ouçam a vossa voz  
e acreditem naquilo que dizeis  
porque somente Vós tendes  
palavras de vida eterna.  
Ensinai-os a professar a sua fé,  
a manifestar o seu amor  
e a transmitir a sua esperança  
aos outros.  
Fazei deles testemunhas  
convictas do vosso Evangelho  
num mundo tão necessitado  
da vossa graça salvífica.  
Fazei deles o novo povo  
das Bem-Aventuranças,  
a fim de que possam ser  
o sal da terra  
e a luz do mundo no início  
do terceiro milénio cristão!  
Maria, Mãe da Igreja,  
protege e guia estes jovens  
e estas jovens do século XXI,  
conservando-nos a todos  
junto do teu Coração maternal!  
Amen!



## Oração a São João Paulo II

Ó São João Paulo,  
da janela do céu,  
dá-nos a tua bênção!  
Abençoa a Igreja,  
que tu amaste, serviste e guiaste,  
incentivando-a a caminhar corajosamente  
pelos caminhos do mundo,  
para levar Jesus a todos  
e todos a Jesus!  
Abençoa os jovens,  
que também foram tua grande paixão.  
Ajuda-os a voltar a sonhar,  
voltar a dirigir o olhar ao alto  
para encontrar a luz que  
ilumina os caminhos da vida na terra.  
Abençoa as famílias,  
abençoa cada família!  
Tu percebiste a ação de Satanás  
contra esta preciosa e indispensável  
faísca do céu que Deus  
acendeu sobre a terra.  
São João Paulo,  
com a tua intercessão,  
protege as famílias  
e cada vida que nasce  
dentro da família.  
Roga pelo mundo inteiro,  
ainda marcado por tensões,  
guerras e injustiças.  
Tu te opuseste à guerra,  
invocando o diálogo e semeando o amor;  
roga por nós,  
para que sejamos incansáveis  
semeadores de paz.  
Ó São João Paulo,  
da janela do céu,  
onde te vemos junto a Maria,  
faz descer sobre todos nós  
a bênção de Deus!  
Amém.  
(Cardeal Angelo Comastri)

